
Trás-os- -Montes



Moncorvo

Mogadouro

Miranda do Douro

Alfândega da Fé

**Gabriela
Vaz-Pinheiro**

Sofia Borges
Nuno Pimenta
Alunos MADEP
Thiago Marcial
Catarina Rodrigues

**Cristina
Mateus**

Gonçalo MAR
FAHR
Alejandra Jaña

**Fernando
José Pereira**

R2
Miguel Schreck
Pedro Almeida
Ricardo Santos

**Draw
Godmess
Hazul**



Trás-os- -Montes

Moncorvo	6
Mogadouro	26
Miranda do Douro	44
Alfândega da Fé	64

**Gabriela
Vaz-Pinheiro**

Sofia Borges
Nuno Pimenta
Alunos MADEP
Thiago Marcial
Catarina Rodrigues

**Cristina
Mateus**

Gonçalo MAR
FAHR
Alejandra Jaña

**Fernando
José Pereira**

R2
Miguel Schreck
Pedro Almeida
Ricardo Santos

**Draw
Godmess
Hazel**

Imaginemos que vamos a todas as localidades abrangidas pelo Arte Pública fundação edp e que pintamos as paredes de branco, desmontamos as instalações dos espaços, apagamos do mapa as obras de arte criadas nas várias povoações intervencionadas de norte a sul do País. Que efeito teria na vida destas pessoas?

O Arte Pública fundação edp é um mapa feito de um conjunto de obras de arte concebidas em espaços públicos de pequenas localidades de diversas regiões do País. Um programa desenhado pela fundação edp para proporcionar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na sociedade.

Sinais de trânsito transformados em figuras tradicionais como a da mulher de lenço na cabeça? Duas raízes de árvores entrelaçadas, com pernas e braços? Um moinho em cima de um burro? Um homem em cima de um escadote a apanhar estrelas? Obras “bonitas” e “boas para a terra”, como costumam dizer as pessoas destas comunidades, sem se alongarem a extrapolar significados para lá dos significantes que lhes são apresentados. É neste grau zero, é nesta marca de início, que reside a premência do programa Arte Pública fundação edp.

O Arte Pública fundação edp introduz um contacto concertado por parte das populações com uma ideia contemporânea de cultura visual. Para muitos, o conceito de arte liga-se ainda à noção de artesanato ou a uma ideia de arte-verdade, em que o objeto artístico assume a função de replicação da realidade, numa mimética de embelezamento da mesma, como nos explica o artista plástico Xana, membro do movimento artístico dos anos 80 Homeostética e um dos artistas do projeto Arte Pública fundação edp que deixaram a sua marca nas localidades a barlavento e a sotavento do Algarve.

Em cada região, associações e artistas foram desafiados a apresentar propostas de intervenção pública, que iam da pintura à escultura ou à instalação em vídeo e/ou som. Os artistas partiram para o terreno com duas premissas. A primeira foi a de não se colocarem no papel de educador, mas sim de facilitador. O de pôr ferramentas à disposição de modo que as populações pudessem inteirar-se de como funciona todo o processo de criação artística, desde o *brainstorming* à definição de temáticas, ao uso de técnicas, à mão na massa, ao resultado. E a segunda foi a de desmistificar a arte enquanto prática elitista, inacessível. A arte tem, na sua premissa, uma matriz política: a de dar liberdade, a de proporcionar caminho e escolha.

Foram envolvidas as instituições locais para definir quais os espaços públicos disponíveis, a par dos equipamentos da rede da EDP Distribuição, empresa parceira da fundação edp neste projeto, a serem intervencionados. E, em cada localidade, a população foi convidada a participar em assembleias comunitárias. As pessoas conheceram os artistas e deram a conhecer-se. Expressaram as suas sugestões de temas a serem tratados em obras, contaram as histórias e as tradições da terra, falaram das atividades económicas predominantes e das figuras de relevo.

Aos artistas coube a tarefa de interiorizar as sugestões e integrarem os temas sugeridos no seu trabalho e na sua linha autoral. Foram feitas maquetes das “obras-que-iriam-ser” que foram depois apresentadas à população.



Assembleia com a comunidade, Alfândega da Fé, 2016.

Seguiram-se os dias de trabalho, de feitura das obras. Na comunidade, cresce a curiosidade e a proximidade aos artistas. Precisam de alguma coisa? Água? Algo para comer? Momentos de pausa são passados na pastelaria da rua, no convívio com os locais.

O Arte Pública fundação edp é este ponto de encontro no qual se cruzam intencionalidade artística e intencionalidade social. É um programa que promove uma sensação de pertença, que já não se perde, independentemente de a tinta começar a cair, de a chuva vir a desbotar os tons. Neste caso, trata-se de uma sensação de pertença dupla. Este património artístico é das pessoas, da comunidade. Motivo por que são criadas, em cada região, visitas-percurso com guias locais, que são também elas uma forma de elo, de ligação das populações a quem as visita. E fá-las sentir-se não isoladas do mundo, mas parte de uma ideia de contemporaneidade que vive a cultura visual a uma velocidade estonteante. Se por um lado a arte fixa, fixa a identidade de uma povoação, por outro fluidifica-se, permite-se novos usos e abordagens.

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias e
Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Trás-os-Montes

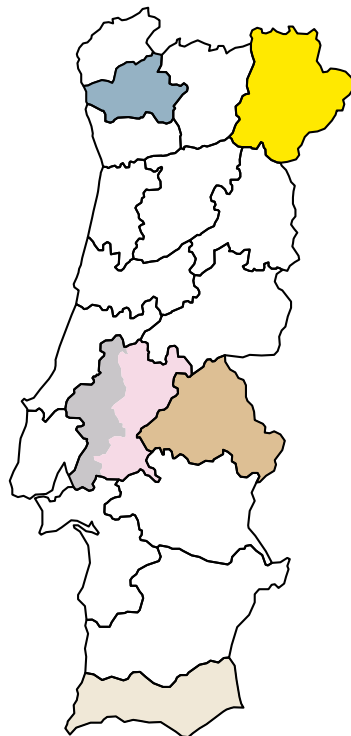
Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Alto Alentejo

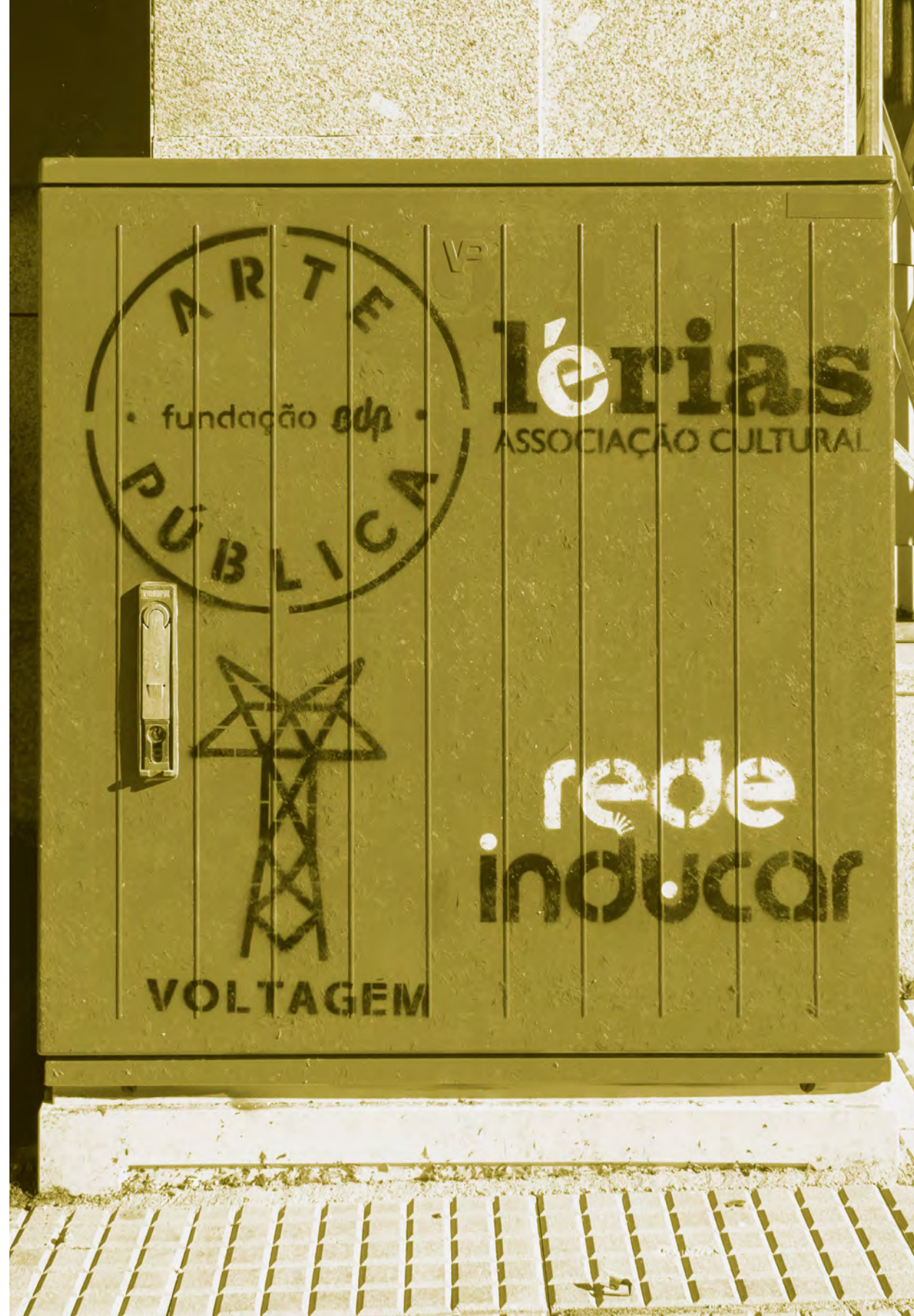
Campo Maior
Degolados
Ouguela

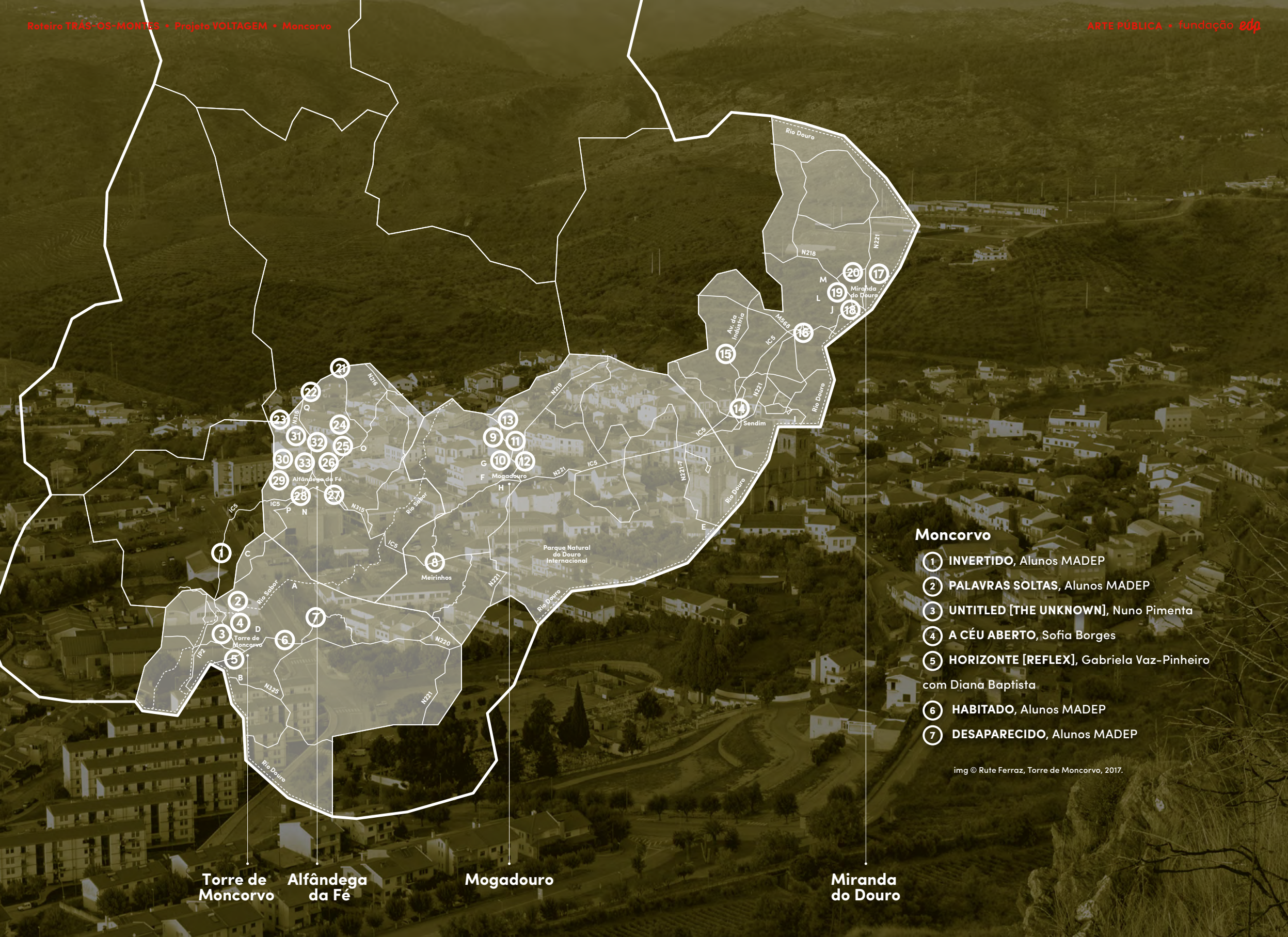
Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel



Símbolos mirandeses: Is bielhos / Is nuobes, Lérias Associação Cultural, caixas EDP Distribuição de Miranda do Douro, 2016.





Moncorvo

- ① INVERTIDO, Alunos MADEP
- ② PALAVRAS SOLTAS, Alunos MADEP
- ③ UNTITLED [THE UNKNOWN], Nuno Pimenta
- ④ A CÉU ABERTO, Sofia Borges
- ⑤ HORIZONTE [REFLEX], Gabriela Vaz-Pinheiro
com Diana Baptista
- ⑥ HABITADO, Alunos MADEP
- ⑦ DESAPARECIDO, Alunos MADEP

img © Rute Ferraz, Torre de Moncorvo, 2017.

Torre de
Moncorvo

Alfândega
da Fé

Mogadouro

Miranda
do Douro

Moncorvo

Parceiro:

Rede Inducar

Facebook:

voltagemtmad

É muito engraçada a dinâmica do largo central. A Praça Francisco António Meireles é, na verdade, uma grande rotunda e, em dias sem chuva, vários idosos ocupam as tardes ali sentados, a observar os afazeres dos residentes da vila e a acompanhar as tropelias dos forasteiros que chegam de carro e não sabem muito bem por que estrada seguir. Sentados, junto ao edifício do tribunal, franzem o olhar como quem tenta adivinhar o que os visitantes querem, na verdade, fazer e avaliam se será necessário intervir e sugerir uma direção. Da rua que ladeia o tribunal pela direita, vê-se, no horizonte, o recorte dos montes a verde no céu.

A vila encontra-se emoldurada por uma paisagem natural imponente. E é esta mesma paisagem que tem um efeito duplo nas pessoas que aqui vivem. Se por um lado ela confina a vila e a enclausura perante o exterior, por outro, essa barreira natural sugere que há

algo de novo para lá daqueles montes. A contemplação opera em três momentos: o do sentimento de isolamento, o da pura apreciação da beleza da paisagem e o da imaginação, do desejo de sair à procura do desconhecido.

“A arte não é uma prioridade na vida das pessoas, mas ajuda a reforçar conceitos. Neste caso, o de que aqueles montes estão entre Moncorvo e o resto mundo, por mais que se façam túneis”, refere Gabriela Vaz-Pinheiro, artista e coordenadora artística do programa Arte Pública fundação edp – Voltagem em Torre de Moncorvo.



“Procurámos construir um conjunto de intervenções que pudessem relacionar-se umas com as outras, procurámos que todas as propostas pudessem fazer sentido com o contexto daquela terra. O fio condutor é o contexto social e paisagístico. Foi o que encontramos quando chegámos. Desenvolvemos a ideia e criámos relações.”

Gabriela Vaz-Pinheiro convidou alunos do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público (MADEP), na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde é

docente, para participarem no projeto Voltagem em Torre de Moncorvo.

“Tivemos o privilégio de ter tido um primeiro projeto na vila que começou muito bem, o que facilitou muito as coisas”, diz Gabriela Vaz-Pinheiro.

“Tivemos sempre uma receção extraordinária, fomos muito bem recebidos. Não fizemos um trabalho de fácil leitura, mas as pessoas entenderam.” O projeto *Palavras Soltas*, frases de três vocábulos pintadas em caixas de eletricidade através de um alfabeto criado para o efeito, foi a primeira intervenção feita na vila, para a qual os alunos do



MADEP decidiram fazer um *workshop* prévio de *stencil*, com os alunos do Agrupamento de Escolas Dr. Ramiro Salgado.

“A informação que tenho é a de que as pessoas gostaram”, comenta Piedade Meneses, vereadora de Ação Social e Espaços Públicos da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo.

“As assembleias na vila podiam ter sido mais participadas. Mas esta ação, com a fundação edp, foi boa pelo seu caráter inovador. Foram dadas referências às populações, que não estão

habitadas a este tipo de processos.” Piedade Meneses refere também que nas assembleias foram manifestadas algumas “inquietudes” que assolam a população. “É necessário combater o isolamento e trazer equidade para esta região. As pessoas estão ligadas ao mundo exterior, através das redes sociais, mas é preciso fazer com que o interior não seja tão interior”, adverte. “A arte é uma forma de libertação, de pensamento – de envolvimento em todos os aspetos.”

Piedade Meneses considera heróica a atitude



dos jovens que permanecem a viver no concelho. E destaca a adesão às assembleias do Voltagem que decorreram nas aldeias, a propósito das intervenções feitas em três postos de transformação (PT) da EDP Distribuição. “As assembleias nas aldeias não podiam ter corrido melhor. No Larinho, por exemplo, os locais colocaram andaimes, apoiaram, houve solidariedade.”

“Na minha opinião, os PT são os que sobressaem mais”, considera Afonso Meneses, engenheiro florestal do Instituto da Conservação da Natureza e

das Florestas no Parque Natural do Douro Internacional. “Os PT eram uns mamarrachos, que tornavam a paisagem feia. Assim, pintados com símbolos locais, ficam bem melhor. Em alguns, que não estão pintados, podiam fazer a águia, o abutre-do-egito – que é um dos símbolos do parque –, o grifo”, continua Afonso Meneses, marido de Piedade Meneses.

“A ideia para os PT desdobrou-se a partir dos conceitos de «habitado», «desaparecido» e «invertido»”, conta Catarina Rodrigues, aluna do MADEP que participou no Arte Pública fundação edp – Voltagem em Torre de



Moncorvo. “Nas primeiras visitas que fizemos ao concelho, as pessoas queixavam-se dos PT, da sua imponente no espaço, na paisagem. O objetivo era sempre o de disfarçar o PT.”

Gabriela Vaz-Pinheiro concebeu uma estrutura em espelho que colocou no cimo da parede de um armazém na Avenida dos Combatentes e a que deu o nome de *Horizonte [Reflex]*; a obra é complementada por um pequeno prado de papoilas em frente com a colaboração técnica de Diana Baptista, arquiteta paisagista. Esta linha simbólica que reflete



o horizonte prolonga-se na peça de Nuno Pimenta, uma estrutura em madeira que se debruça na paisagem, a partir de um pequeno miradouro na vila de Torre de Moncorvo. É um objeto constituído por dois módulos de casas, um deles invertido. E Sofia Borges preencheu o interior do módulo de baixo com material gráfico alusivo à memória e às minas de ferro do concelho. “Desde aqueles que nos serviam todos os dias no restaurante ao sítio onde ficámos, as pessoas foram muito acolhedoras. O que me fascinou mais nesta experiência foi o facto de, ao longo do tempo, terem surgido amizades com os locais”, conta Nuno Pimenta. O artista convidou amigos – arquitetos, outros artistas, cineastas – a participarem na construção da obra, como se estivessem em residência artística.

“Isto não é tanto sobre irmos deixar algo para essas pessoas, mas mais sobre o facto de ter havido uma partilha, uma troca.”



Assembleias com a comunidade, Torre de Moncorvo, 2016.

Gabriela Vaz-Pinheiro (1962)



Diretora do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde é professora auxiliar desde 2006. Licenciou-se em Escultura e Pintura pela mesma universidade, fez mestrado no Central Saint Martins College of Arts and Design, em Londres, e doutoramento no Chelsea College of Arts and Design. Foi responsável pelo programa de Arte e Arquitetura da Capital Europeia da Cultura – Guimarães 2012 e tem textos editados em diversas publicações. Expõe, individual e coletivamente, desde 1985.

Sofia Borges (1971)



Estudou Pintura na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e Escultura no Ar.Co e fez mestrado em Estudos Curatoriais pela Universidade de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian. Entre 2006 e 2009, coordenou e correalizou o projeto “A Festa Acabou”, que ligava as narrativas criadas pelos habitantes do bairro da Quinta da Vitória, entretanto demolido, ao espaço público. Em 2016, concluiu o filme *Maxamba*, que correalizou com Suzanne Barnard, que retrata um casal de costureiros portugueses de origem indiana que viviam no bairro da Quinta da Vitória, e que foi premiado no festival IndieLisboa.

Nuno Pimenta (1985)



Nuno Pimenta desenvolve uma prática transdisciplinar que articula arte e arquitetura, focando o seu trabalho na apropriação e subversão de elementos e técnicas construtivas para a criação de narrativas de reflexão política e social. Possui um mestrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e um mestrado em Arte e Design para o Espaço Público pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Nos últimos anos, tem desenvolvido trabalhos em diversas áreas artísticas como arquitetura temporária, instalação, arte pública e performance.

Coletivo de alunos MADEP



António Cardoso, Beatriz Lima, Catarina Rodrigues, Daniel Sousa, Francisco Leal, Herlander Alves, Malgorzata Kosmatka-Kos, Maria Lourenço, Niccoló Rossi, Thiago Marcial. O coletivo MADEP varia em formação conforme os anos e os projetos para que os alunos são chamados. No Voltagem – Torre de Moncorvo, destacaram-se as prestações de Thiago Marcial e Catarina Rodrigues.

Thiago Marcial (1987)



Com formação em *design* e comunicação, Thiago Marcial trocou o Rio de Janeiro pelo Porto para vir fazer o mestrado em Arte e Design para o Espaço Público na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Interessava-lhe abdicar do trabalho corporativo em prol de um contacto mais direto com as pessoas, através de intervenções no espaço público. Faz parte do projeto “Narrativas Espaciais” juntamente com Catarina Rodrigues.

Catarina Rodrigues (1990)



Mestre em Arte e Design para o Espaço Público pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Catarina Rodrigues fez parte do coletivo Distorpia, onde participou em 2015 no mural de 1400 m² na Rua da Lionesa, Leça do Balio, Porto. No centro empresarial Lionesa encontram-se também alguns dos seus trabalhos individuais, igualmente como nos centros empresariais Ponte da Pedra e AAA, no Parque de Campismo de Braga e nas Caixas EDP do Largo de São Domingos, Porto. Venceu, em dupla com Thiago Marcial, o concurso Street Art Porto – Caixas EDP com o projeto “É um produto português com certeza!”, que foi implementado na Rua de Cedofeita e continua a ser explorado pelo coletivo.

①

Invertido

Autoria:

Alunos MADEP/FBAUP

As intervenções artísticas projetadas para os postos de transformação (PT) em Torre de Moncorvo respondem a três conceitos: *Invertido*, *Habitado*, *Desaparecido*. São os três PT da EDP Distribuição customizados pelo Arte Pública fundação edp – Voltagem no concelho transmontano Torre de Moncorvo. “Nas assembleias, ouviu-se frequentemente «quem nos dera que estes PT desaparecessem, são muito impositivos», conta a coordenadora artística do Voltagem em Torre de Moncorvo e professora na Faculdade de Belas Artes – Universidade do Porto (FBAUP), Gabriela Vaz-Pinheiro. “Então pensámos: em vez de os realçar, porque não fazê-los desaparecer na paisagem?”

O trabalho sobre estes três PT contou com a participação de alunos desta docente no Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público (MADEP), na FBAUP. Em Junqueira, na intersecção da Rua do Campo com a Rua da Cabine, encontra-se um PT. Mais acima, a caminhar pela Rua da Cabine na direção do Largo do

Cruzeiro, está assinalado no chão um ponto – precisamente, a 45 passos de distância do PT. Esse ponto marca a distância otimizada para se observar o efeito da intervenção feita pelos alunos do MADEP no PT. O que significa o *Invertido*?

Duas frases escritas no PT dão o mote: “a terra no céu...” e “o céu na terra”. Em cima, estão as diversas camadas de verdes correspondentes à terra, a começar quando acaba a linha do horizonte. Em baixo, está pintado o céu nas suas diferentes tonalidades de azul. Trocou-se o céu pela terra e a terra pelo céu, como se fosse uma ampulheta do tempo feita de vegetação verde e de troposfera num dia límpido de sol.



A ideia do *Invertido* advém também do facto de o grupo de artistas que intervieram no Arte Pública fundação edp – Voltagem em Torre de Moncorvo ter pretendido ligar de alguma forma as sete obras entre si. Este PT de paisagem invertida faz alusão à obra *Untitled [The Unknown]* de Nuno Pimenta, que se encontra na Rua de Santiago em Torre de Moncorvo [vide sinopse nº 3]. Esta estrutura feita de madeira é composta por dois blocos,



cada um com a forma básica de uma casa – um cubo que num dos lados se prolonga em forma de triângulo. Numa estrutura de dois pisos, um dos blocos é a casa colocada direita, o outro é a casa colocada de forma invertida, com o telhado a furar o chão. No PT em Junqueira, temos o céu a entrar pela calçada adentro. “Em conjunto com os outros artistas surgiu o *Invertido*, de forma a criar ligação”, refere um dos alunos do MADEP, Thiago Marcial. “A obra do Nuno Pimenta faz ligação ao *Invertido*, a da Sofia Borges ao *Habitado* e a da Gabriela Vaz-Pinheiro ao *Desaparecido*”, explica.

“A primeira coisa a fazer sempre foi marcar a linha do horizonte, marcar um ponto no chão. Depois é que trabalhamos ao nível de mancha”, conta Catarina Rodrigues, outra estudante do MADEP que participou no projeto. “A implementação de uma obra tão grande trouxe uma experiência muito interessante.”

FREGUESIA Concelho:
TORRE DE MONCORVOLocalização:
Rua do Campo,
Rua da Cabine, Junqueira.GPS:
Latitude 41.26977
Longitude -7.08275

Invertido, alunos MADEP, posto de transformação EDP Distribuição, Junqueira, 2016.

Acho que o edifício está diferente, dá um ar mais agradável à paisagem. Fica bonito, é melhor do que estar tudo branco. E as pessoas ficam mais abertas.
Catarina Vieira, 33 anos, restauração.

②

Palavras Soltas

Autoria:
Alunos MADEP/FBAUP

A azul estão assinaladas as que se referem à "Paisagem", a amarelo as que se referem às "Lendas" e a castanho as que se referem ao "Património". O que os alunos do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público (MADEP), da Faculdade de Belas Artes – Universidade do Porto (FBAUP), fizeram foi um alfabeto. Inspirados nas inscrições que encontraram na Igreja Matriz de Adeganha, uma freguesia situada a oito quilómetros de Torre de Moncorvo, decidiram criar um alfabeto próprio. "Nas várias visitas que fizemos ao concelho, descobrimos numa igreja em Adeganha uns hieróglifos que achámos interessantes e a partir dos quais os alunos geraram uma espécie de alfabeto. Com as novas letras, compuseram frases que depois vieram a ser pintadas nas caixas de distribuição", refere Gabriela Vaz-Pinheiro, professora daquele mestrado na FBAUP e coordenadora artística do Arte Pública fundação edp – Voltagem em Torre de

Moncorvo.

O projeto, que se chama *Palavras Soltas*, foi feito em parceria com os alunos da escola secundária do Agrupamento de Escolas Dr. Ramiro Salgado, a quem foram dados *workshops* sobre a arte do *stencil*, técnica utilizada para escrever as frases nas diversas caixas elétricas da EDP Distribuição espalhadas pela vila. "Foi o projeto que teve maior ligação com a comunidade", refere Catarina Rodrigues, uma das alunas do MADEP envolvidas. "Começámos por fazer três dias de *workshops*, a ensinar os alunos a trabalhar com *stencils*. E depois passámos um dia no centro histórico da vila, com a comunidade, a pintar nas caixas elétricas – participaram desde crianças a adultos e idosos. Havia pessoas de todas as faixas etárias."

Na Rua Prior do Crato, junto à Pastelaria Seromenho, há uma caixa elétrica, a CE nº 3290. "Havia aqui um gato, de quando umas casas foram demolidas, que os clientes adotaram", conta um dos sócios da pastelaria, o arquiteto Telmo Seromenho. "A Vera, que é sócia do café, deu a sugestão da frase a pintar na caixa."



Através de uma folha de que os visitantes se podem munir para traduzir cada uma das novas letras, quem visita descobre na CE nº 3290 a frase "aqui há gato".

São sempre três as palavras inscritas e, em baixo, estão desenhadas as iniciais de quem as pintou. As cores, como referimos acima, distribuem-se por três categorias: natureza, cultura e História. "Além da paisagem, a cultura é a mais-valia da região. As pessoas têm orgulho de serem daquela terra", explica Catarina Rodrigues. Ao todo, são 23 as caixas elétricas existentes na vila com frases para serem descodificadas, como "casa roda laços", "ferro alma terra", "fraga moura ouro" ou "vinho migas peixe".

"O levantamento das palavras foi feito com uma série de pessoas e elas geram um certo mistério no espaço público", defende Gabriela Vaz-Pinheiro. "No futuro, um arqueólogo vai descobrir este alfabeto e talvez dizer que foi um alfabeto específico que existiu em Torre de Moncorvo! Foi, de facto, um canal de comunicação privilegiado, junto dos adolescentes na escola secundária, mas também de pessoas de terceira idade. Tornou-se um ex-líbris da vila."

FREGUESIA Concelho:
TORRE DE MONCORVO

Localização:
[vários]

GPS:
Latitude 41.17521
Longitude -7.05311

Património

Caixa nº — armário elétrico nº

- 1 — 1445 *Chave da Vila*
- 2 — 007, *Fonte Água Pura*
- 3 — 451, *Vinho Migas Peixe*
- 4 — 1429, *Queijo Fumeiro Mel*
- 5 — 1427, *Memória Torre Vale*
- 6 — 1423, *Amêndoa Fruto Terra*
- 7 — 4427, *Natural Monte Além*
- 8 — 0300, *Pessoas Tradição Simpatia*

9 — 410, *Casa Roda Laços*

Paisagem

Caixa nº — armário elétrico nº

- 10 — 411, *Vale Terra Boa*
- 11 — 3290, *Aqui Há Gato*
- 12 — 292, *Fonte Água Vida*
- 13 — 4422, *Foz do Sabor*
- 14 — 2001, *Olival Azeite Douro*
- 15 — s/nº, *Serra Granito Xisto*
- 16 — s/nº, *Atrás do Monte*

17 — s/nº, *Curva do Meão*

18 — 2003, *Árvore Verde Flor [?]*

Lendas

Caixa nº — armário elétrico nº

- 19 — 1438, *Fraga Moura Ouro*
- 20 — 370, *Mendo Torre Corvo Lenda*
- 21 — 369, *Bom Amigo Volta*
- 22 — 385, *Via Vila Vida*
- 23 — 387, *Ferro Alma Terra*



Acho que correu bem. Até puseram o nome de um de nós, nem sabemos ler o que lá está. Perguntei depois e disseram-me que tinham posto o «J», de José. As caixas estão mais bonitas assim.

José Carvalhais, 73 anos, reformado.

Palavras Soltas, alunos MADEP, Torre de Moncorvo, 2016.

3

Untitled [The Unknown]

Autoria:
Nuno Pimenta

Fica em frente ao cine-teatro da vila. E debruça-se sobre um muro, ancorada num recorte de calçada um pouco mais largo. A obra que Nuno Pimenta projetou para o Arte Pública fundação edp – Voltagem em Torre de Moncorvo precipita-se para a lezíria que se vê em baixo e os montes que recortam o céu, lá ao fundo. “Nas visitas de aproximação que fiz junto da comunidade de Torre de Moncorvo, era sempre notória esta ideia de fechamento. Mas para estas pessoas o horizonte é também sinónimo de expansão, de busca de conhecimento”, refere o autor, que é arquiteto de formação e cursou belas-artes.

Na parede lateral do módulo superior, a linha do horizonte da peça de Gabriela Vaz-Pinheiro prolonga-se, reforçando o traço dos topos dos montes ao longe. Há uma curiosidade pelo exterior, as pessoas têm bastante orgulho na terra onde vivem e na beleza da paisagem com a qual convivem no dia a dia.

“A obra tem dois momentos, dois pisos. O interior do piso de baixo é ocupado pela obra da Sofia Borges, que fez um levantamento exaustivo das memórias desta comunidade. O segundo piso, por sua vez, é muito flutuante, convida à introspeção”, descreve Nuno Pimenta. “A ideia é criar um diálogo entre os dois vetores. O de baixo permite tomar conhecimento acerca das questões identitárias de Torre de Moncorvo e o de cima o de olhar para lá dos limites da vila, de olhar para o horizonte.” O objetivo é, segundo Pimenta, gerar espaço público, criar um objeto que possa agregar a comunidade.

“A reação foi bastante positiva, para meu espanto. É uma coisa nova, mas as pessoas foram sempre muito curiosas. Durante a construção, ia tendo sempre muitas conversas com os locais, mesmo os das redondezas”, diz Pimenta. “Voltamos a esta característica muito importante: a da abertura das pessoas a que coisas novas possam acontecer.”

A obra é composta por dois módulos, em que cada um representa um estereótipo de casa – as linhas do chão, das paredes e do telhado (em “v”, virado ao contrário). O módulo térreo encontra-se invertido, o telhado virado para baixo e o solo nas vezes do teto. O módulo que está por cima está na posição dita

convencional. No Arte Pública fundação edp – Voltagem em Torre de Moncorvo, o conceito foi interligar as obras em termos conceptuais. Esta *Untitled [The Unknown]* tem uma ligação direta aos PT da EDP Distribuição personalizados pelos alunos do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público, da Faculdade de Belas Artes – Universidade do Porto: *Invertido, Habitado e Desaparecido*. O piso de baixo desta construção feita em madeira remete para uma ideia de inversão, de utopia. O de cima, para o de habitabilidade, de casa, de conforto. E a exposição – da autoria de Sofia Borges – no interior do piso térreo aponta para a ideia de memória – que vem contrariar o desaparecimento das lendas, património e paisagem destas gentes. “A construção foi a parte mais difícil, são materiais mais complicados de trabalhar. O objeto foi construído por mim e por uma equipa de colegas com quem costumamos trabalhar – arquitetos, artistas, cineastas”, explica Nuno Pimenta. “O processo de construção foi, na verdade, uma espécie de residência artística.”



FREGUESIA Concelho:
TORRE DE MONCORVO

Localização:
Rua de Santiago

GPS:
Latitude 41.17249
Longitude -7.05327



Untitled [The Unknown], Nuno Pimenta, Torre de Moncorvo, 2018.

Fiz uma visita guiada aos artistas pela biblioteca, pelo Centro de Memória. Eles mostraram-se sempre muito interessados e criaram-se elos. Encontrávamo-nos à noite e falávamos sobre o trabalho. O resultado é excelente.

Helena Pontes, Biblioteca Municipal Torre de Moncorvo.

4

A Céu Aberto

Autoria:
Sofia Borges

Trata-se da montagem de materiais fotográficos no interior da obra *Untitled [The Unknown]*. “Há 10 anos que tenho vindo a desenvolver uma série de projetos no espaço público, junto de comunidades. É uma pesquisa próxima da etnografia. Chego a um sítio, procuro compreender o lugar e tento envolver as pessoas que lá vivem”, conta Sofia Borges, a autora das colagens feitas no interior do módulo térreo do objeto artístico de Nuno Pimenta. “A Gabriela [Vaz-Pinheiro, coordenadora artística do Arte Pública fundação edp – Voltagem em Torre de Moncorvo], sabendo disso, convidou-me para trabalhar no projeto.” As minas de Torre de Moncorvo, as Ferrominas, estiveram ativas de 1951 a 1985. Na vila, há inclusive o Museu do Ferro. “Há anos que se discute se as minas vão voltar a abrir. Havendo este debate público e uma vasta documentação, tornou-se um bom ponto de partida para o trabalho.”

Sofia Borges fez pesquisa no Museu do Ferro

e em dois arquivos particulares, fez levantamentos de testemunhos de pessoas que trabalharam nas minas e viviam naquela altura em Torre de Moncorvo e em aldeias vizinhas. “Tentei chegar ao maior número de pessoas possível. Já não eram muitos. Encontrei um universo de 15 famílias. E tentei explorar toda a hierarquia: dos trabalhadores que usavam martelos para extrair a pedra aos engenheiros que trabalhavam no laboratório.”

Sofia Borges faz questão de referir que a sua abordagem ao tema não é histórica. “São as pessoas com quem me relaciono que me vão dando o material.” “A ideia é trazer para o espaço público uma série de materiais que têm estado a ser reunidos, em que as pessoas contribuem para a produção desses mesmos materiais.”

Sofia Borges fez recolha de imagens e de textos, tomou notas, levou para o terreno um conjunto de questões sobre a relação das pessoas com as minas e a sua imagética. Depois fotografou, selecionou e agrupou texto e fotografia. “Há uma fotografia do café Dallas, o sítio onde os antigos trabalhadores ainda se encontram para conviver. É um dos primeiros escritórios das minas, que estão hoje em dia abandonados”, descreve Sofia Borges. “Tentei ter sempre um olhar o mais abrangente possível:

conjugando aspetos de memória e atualidade; integrar o tema do isolamento do interior, apontado por um antigo trabalhador das minas”, continua. “Como se pode falar de interior quando Portugal tem 218 km de largura e 561 km de comprimento? As pessoas são a favor das minas, porque não há trabalho e a população vai diminuindo, mas a reabertura levanta outras questões também referidas, de investimento financeiro e de impacto ambiental.” É sobre esta linha delicada que Sofia Borges foi construindo o seu corpo de trabalho. Quando pensou em apresentar estes diversos elementos, teve o cuidado de não lhes associar uma ordem. A colagem no interior de *Untitled [The Unknown]* foi aleatória. “Dou os elementos e as pessoas interpretam como quiserem. Dou um índice de leitura, uma frase no início – para dar o ponto de partida ao significado de uma imagem – e é só.” Escritas a partir dos testemunhos que recolheu, as frases não são assinadas. Mas um dos cartazes tem o nome de todas as pessoas que participaram no projeto, assim como a função que desempenhavam nas minas.



FREGUESIA Concelho:
TORRE DE MONCORVO

Localização:
Rua de Santiago

GPS:
Latitude 41.17249
Longitude -7.05327



A Céu Aberto, Sofia Borges, Torre de Moncorvo, 2018.

A Sofia Borges trabalhou a ideia de memória a partir das ferrovias. Trata-se das memórias mais marcantes da segunda metade do século XX. No seu auge, aquelas minas chegaram a dar emprego a cerca de mil pessoas.

Nelson Campos, diretor do Museu do Ferro.

5

Horizonte [Reflex]

Autoria:

Gabriela Vaz-Pinheiro
c/ Diana Baptista

As papoilas são flores que se encontram um pouco por todo o lado em Torre de Moncorvo e arredores. Tradicionalmente são um dos símbolos da I Guerra Mundial, eram a única coisa que conseguia florescer depois do rasto de destruição deixado nos campos após as batalhas. A sementeira que se encontra no terreno em frente à obra de Gabriela Vaz-Pinheiro, *Horizonte [Reflex]*, foi feita com a colaboração técnica de Diana Baptista e funciona como complemento à ideia de paisagem, reforçando-a, pelo seu carácter de mimese, de duplicação do que já temos à disposição quando passeamos pelas ruas da vila de Torre de Moncorvo. Na parede lateral de um armazém na Avenida dos Combatentes, que dá para a vista sobre a lezíria e os montes ao fundo, está colocado ao longo do topo superior um espelho, retangular e um pouco reclinado. O espelho e a sementeira fazem um díptico. No verão, a sementeira está seca, à semelhança

de muitos recortes de terra espalhados pela vila, devido ao calor transmontano que se faz sempre sentir. Se não tivermos curiosidade de olhar com mais atenção, não percebemos que existe ali uma intervenção artística, o espelho passa por um motivo decorativo do armazém. *Horizonte [Reflex]* vive da subtilidade, convida a que nos demos ao trabalho de reparar. Subtileza essa que apresenta um segundo momento: uma linha refletora na parte lateral do módulo superior, da obra de Nuno Pimenta, *Untitled [The Unknown]*, situada na Rua de Santiago, e que corta aquela construção, a partir da qual se pode ver o céu refletido. E, se nos dermos ao trabalho de procurar o ponto exato onde nos colocarmos perante essa linha, conseguiremos ver a Sé Catedral, na sua imponente.

“A intenção era «brincar» com a ideia do horizonte. As pessoas falam sempre de alguém que está do lado de lá da montanha. O primeiro conceito foi o de colocar no topo de um monte a palavra «Horizonte», como em Hollywood, fazer uma quimera. Mas depressa chegámos à conclusão de que era muito dispendioso”, refere Gabriela Vaz-Pinheiro, que é também a coordenadora artística do Arte Pública fundação edp – Voltagem em Torre de Moncorvo. “Percebi que este primeiro conceito

foi uma espécie de aquecimento”, continua Gabriela Vaz-Pinheiro, professora do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público (MADEP), da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. “Percebi que a linha topográfica podia ser prolongada pelo armazém. Há um ponto em que, se nos colocarmos lá, o horizonte se prolonga. E o jogo é complementado pelo prado de papoilas e relva”, continua. “As pessoas têm uma grande afetividade para com as papoilas, há muitas na zona. E coincide em absoluto, embora de forma não propositada: as papoilas, símbolo dos combatentes, estão numa avenida que se chama dos Combatentes!”

As peças de arte pública têm um carácter efémero. A intervenção de Gabriela Vaz-Pinheiro tem, no entanto, uma outra característica: a de uma certa liquidez. Se fizermos o exercício de nos colocarmos por baixo do espelho, e formos olhando para ele enquanto caminhamos, estamos perante uma obra viva – as formas que nos aparecem ao olhar vão mudando, como se vissemos um *travelling*, em cinema. Os reflexos do que vemos vão mudando a cada passo.

FREGUESIA Concelho:
TORRE DE MONCORVOLocalização:
Avenida dos Combatentes da Grande GuerraGPS:
Latitude 41.17204
Longitude -7.05251

Horizonte [Reflex], Gabriela Vaz-Pinheiro com Diana Baptista, Torre de Moncorvo, 2017.

Esta ação poderia ter sido mais participada. As pessoas não estão abertas a este tipo de coisas ainda. É mais fácil criticar do que exercer cidadania. E estes processos com a fundação edp são importantes precisamente pelo seu carácter inovador. Dão referências às populações do interior.

Piedade Meneses, vereadora da Ação Social da Câmara Municipal Torre de Moncorvo.

6

Habitado

Autoria:

Alunos MADEP/FBAUP

Este é o *Habitado*, o segundo posto de transformação (PT) da EDP Distribuição sobre o qual os alunos do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público (MADEP) na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) trabalharam, no contexto do Arte Pública fundação edp – Voltagem no concelho de Torre de Moncorvo. “Nas primeiras visitas, as pessoas queixavam-se dos PT, da sua imponentia, do espaço que ocupavam na paisagem”, refere Catarina Rodrigues, aluna do MADEP. “A nossa ideia para os PT foi disfarçá-los. O *Habitado* e o *Desaparecido* são idênticos, o *Habitado* tem o corvo.”

Vai-se pela Estrada Nacional 220 vindo de Carviçais na direção de Torre de Moncorvo e vê-se, à esquerda, já afastado da berma da estrada e imiscuído no prado, um PT que serve de poiso a um corvo gigante pintado. O negro do seu corpo contrasta com o fundo das paredes que, à semelhança dos PT *Invertido* [vide sinopse nº 1] e *Desaparecido* [sinopse nº 7], está

pintado de camadas de verdes e de castanhos – correspondentes à vegetação e à terra – e uma mancha azul – que corresponde ao céu. Este PT tem também um ponto de onde se pode observar de forma otimizada a obra de arte, em que o nível da vegetação é um prolongamento da linha do horizonte da paisagem que se encontra atrás.

A existência daquele corvo tão imponente quase que nos convida a parar. Do outro lado da berma da estrada, existe um restaurante chamado O Ti-Churrascão, um edifício em formato de moradia com ar de estabelecimento para banquetes de casamento. Defronte tem um espaço amplo para estacionamento e uma pequena esplanada, coberta por um toldo. É um restaurante de beira de estrada, para os viajantes aproveitarem e esticarem as pernas. De lá, pode ficar-se a observar o corvo pintado, que no final de uma tarde de sol aparece em contraluz, enfatizado pelos dourados das ervas que por altura do verão se encontram secas.

Porquê o corvo? De onde vem o nome Torre de Moncorvo? A página oficial da Câmara de Torre de Moncorvo refere duas lendas para possíveis justificações do nome do município. Uma primeira refere que havia um fidalgo chamado Mem Corvo, ainda antes de o condado portugalense



ser independente, que, em plena época de luta contra os mouros, deu guarida a uma moura que se encontrava em fuga. Ele quis convertê-la ao catolicismo e propôs-lhe chamar-se Joana. Apaixonaram-se e ele prometeu construir uma torre para morarem quando se casassem. Ela entretanto adoeceu e, quando soube que o noivo tinha tido uma grande paixão por uma prima de nome Joana que tinha morrido de doença, empalideceu e acabou por morrer também. Já a segunda lenda reza assim: um lavrador chamado Mem ou Mendo descobriu um tesouro enterrado e, antes de contar à sua mulher, decidiu testá-la, para perceber se ela conseguiria guardar segredo. Disse-lhe que tinha visto um corvo a pairar dois pequenos corvos. A mulher, pasmada com tal situação, não resistiu e foi contar a uma vizinha. Daí a ter-se espalhado pela povoação inteira foi um ápice. Por isso, decidiu construir uma torre para guardar o seu ouro.



FREGUESIA Concelho:
TORRE DE MONCORVO

Localização:
EN 220, Larinho

GPS:
Latitude 41.18634
Longitude -7.00281



Habitado, alunos MADEP, posto de transformação EDP Distribuição, Larinho, 2016.

No meu entender, está bonito. Andaram aí a pintar uns dois ou três dias. Estamos sempre a olhar, não dá para nos desviarmos.

José Graça, 57 anos, dono do restaurante O Ti-Churrascão.

7

Desaparecido

Autoria:
Alunos MADEP/FBAUP

O *Desaparecido* é o contrário do *Invertido*. No terceiro posto de transformação (PT) da EDP Distribuição, em Felgar, intervenção pelos alunos do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público (MADEP) na Faculdade de Belas Artes – Universidade do Porto (FBAUP), foram usadas as mesmas camadas de verdes para simular a vegetação da paisagem e de azuis – para simular o céu dessa mesma paisagem. Mas, desta vez, na ordem gravitacional com que a natureza se apresenta. Se no PT *Invertido* as camadas de verde começam da linha do horizonte para cima, a inundar o céu, e as camadas de azul se sobrepõem à vegetação da paisagem, no *Desaparecido* a ideia é fundirem-se. Fazer o PT desaparecer. Assim, a partir de um ponto otimizado, é como se não víssemos qualquer edifício.

Este PT, situado na Rua do Prado, em Felgar, encontra-se ao lado de um casebre de arrumos, feito de pedra, do qual se prolonga um muro feito

também de pedra. No verão, este muro é engolido por vegetação verdejante e a última camada de linhas verdes pintada na face frontal do PT está



precisamente à mesma altura do muro, prolongando-lhe a existência. É um PT camuflado, como o vestuário da tropa quando se encontra no



terreno em operações de combate. A área reservada ao céu ocupa dois terços da altura das paredes e está pintada com um azul suave, decorado



com umas nuvens muito ténues, como as de um dia límpido de primavera. É a existência – ou não – de sol que confere o tipo de luminosidade ao azul da parede. Se estiver um

dia de sol, o azul do céu do PT está radioso, iluminado. Se não estiver sol, esse azul fica mais baço, mais empedernido.

Na face do PT que se encontra colada ao muro, que tem heras a florescer por entre as pedras, alguém desenhou a marca-preto uma pequena nave espacial. O PT fica junto ao Largo da Santa Cruz, onde está situada uma pequena capela. Ao cimo do largo, já a encetar a Rua do Cimo do Lugar, encontra-se uma casa senhorial de dois pisos, datada do século XVIII, que contrasta com a arquitetura modesta à volta. É hoje um espaço de turismo rural. Na parede lateral da capela, foi feito um banco de pedra, onde os transeuntes podem sentar-se e desfrutar da vista. Ao final de uma tarde de sol, veem o PT em contraluz, a casa de arrumos feita de pedra a fazer-lhe companhia mesmo ao lado. À esquerda, a Rua do Prado, demarcada por dois muros de pedra. O da esquerda pertence a uma casa que tem um portão encabeçado por um leão de pedra em cada coluna. Ao fundo, veem-se as linhas do horizonte, camadas de castanho e de verde que tocam o céu. O PT é uma mimese da paisagem, dilui-se nela, como numa espécie de atitude que lhe confere empoderamento.

FREGUESIA Concelho:
TORRE DE MONCORVO

Localização:
Rua do Prado, Felgar

GPS:
Latitude 41.21013
Longitude -6.95846



Desaparecido, alunos MADEP, posto de transformação da EDP Distribuição Felgar, 2016.

Estas iniciativas são válidas. Não podem é ser atos isolados. Estas pequenas coisas vão alegrando o ambiente urbano da vila. Devia haver uma continuidade.

Telmo Seromenho, 50 anos, arquiteto.



Torre de
Moncorvo

Alfândega
da Fé

Mogadouro

Miranda
do Douro

Mogadouro

- 8 O TEU NOME, Cristina Mateus e FAHR
- 9 LIVRO DE ARTISTA BIEN-ÊTRE, Vários autores
- 10 MUSH, Gonçalo MAR c/ comunidade
- 11 ONDAS DE CHOQUE, FAHR, Cristina Mateus
- 12 ACERCA DE MOGADOURO, FAHR
- 13 MÁS CARAS, Gonçalo MAR

img © Mogadouro, Rute Ferraz, 2018.

Moga- douro

Parceiro:

Rede Inducar

Facebook:

voltagemtmad

É também uma boa experiência a de chegarmos a uma localidade transmontana pela noite. Passamos por estradas cuja paisagem é feita de montes a fundirem-se num céu em tons de azul-petróleo bem escuro, o verde das ervas que ladeiam o caminho fica intenso por causa da luz única do crepúsculo. O silêncio e as ruas desertas de Mogadouro são um estado de espírito que se prolonga pelo dia, como se a população encontrasse naquela serenidade a força da sua existência, que lhe permite viver na aridez daquelas terras, tão difíceis de trabalhar, mas cuja beleza funciona como um íman que nos atrai sem sabermos bem como.

O centro de Mogadouro é feito de dois largos contíguos: a Praça Engenheiro Duarte Pacheco e o Largo Trindade Coelho, o escritor “da terra”, nascido a 18 de junho de 1861. Nessa altura, ainda não existia o Parque da Vila, colado à avenida da localidade,

a Avenida Nossa Sra. do Caminho, que aglomera os principais estabelecimentos comerciais. Existe lá a loja de eletrodomésticos, alguns colocados diariamente na calçada transformada em montra, existe lá o restaurante conhecido além-medições da vila pelos seus grelhados de carne mirandesa feitos na lareira, existe lá a confeitaria moderna que vende bolos e pão, existe lá a residência de estudantes.



A câmara municipal está sediada no antigo Convento de São Francisco, assim como o espaço que alberga a Sala Museu de Arqueologia. Lá, podemos encontrar achados que resultaram de campanhas arqueológicas efetuadas na década de 80 do século passado. O castelo, ou o que resta dele, fica estrategicamente no ponto mais elevado da vila. As suas origens são ainda discutidas, mas a existência em 1145 encontra-se comprovada. A vista perde-se pelos montes, ao fundo.

Mogadouro faz parte da Rota da Terra Fria Transmontana. Este circuito é feito de 455 quilómetros e atravessa os municípios de Bragança, Miranda do Douro, Mogadouro,

Vimioso e Vinhais, que compõem o cotovelo mais a nordeste de Portugal. As máscaras – e as festividades a elas associadas – desempenham um papel muito importante na vida sociocultural do município. Durante as Festas de Inverno, encontram-se representadas as seis tipologias de máscaras que podemos encontrar em Mogadouro: o chocalheiro de Bemposta, os velhos de Bruçó, o farandulo, o velho chocalheiro de Vale do Porco, o careto e a velha de Valverde e o mascarão e a mascarinha de Vilarinho dos Galegos. No gabinete da vereadora da Cultura e Turismo, Virgínia Vieira, encontra-se pendurada uma máscara representativa da figura do velho. De madeira, pintada de vermelho e forrada com esponja, a máscara tem dois cornos espetados na parte superior e simboliza o Diabo. Foram estas tipologias de máscaras que o artista Gonçalo MAR pintou nas paredes do posto de transformação da EDP Distribuição que se encontra junto à Rua da Fonte Nova, em Mogadouro. “Ali, estão representadas todas as máscaras existentes no concelho, que são seis. O Gonçalo conseguiu transmitir aquilo que é a nossa identidade”, conta Virgínia Vieira. “De facto, qualquer pessoa que chegue ali consegue identificar cada máscara.” Quando a obra

ficou pronta, as pessoas da vila visitaram o local para verem o resultado.



Asssembleia com a comunidade, Mogadouro, 2016.

“Eu penso que esta arte pública trouxe para Mogadouro algo de novo, que eventualmente irá acabar por progredir além deste projeto”, refere o presidente da câmara, Francisco Guimarães. E menciona também o apreço da população pela intervenção feita no posto de transformação em Duas Igrejas, em Miranda do Douro. O desenho de um gaitreiro ocupa a fachada do edifício que se vê da EN 221. “Como tínhamos visto os gaiteiros, claro que imaginámos logo isso para nós no contexto das máscaras. Depois de alguma luta, conseguimos ter aqui uma – e está lindíssima. É um local de romaria.”



Asssembleia com a comunidade, Mogadouro, 2016.

Nas assembleias, que decorreram primeiro em Ventozelo, Tó e Peredo da Bemposta, e depois em Meirinhos e Mogadouro, a população sugeriu temas para serem trabalhados pelos artistas.

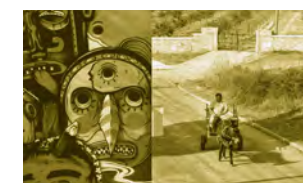
“As temáticas que sugeriram são aquelas com as quais convivem no dia a dia”, continua Virgínia Vieira. “Por exemplo, onde há vinhas, queriam uvas, queriam vindimas. Ou animais, aves. Tudo ligado à sua terra.” A população queria ver concretizada arte que fosse figurativa, que fosse ilustrativa dos costumes. Os artistas sentiram necessidade de defender também as suas ideias.



“Os artistas foram muito bem acolhidos. Mas isso faz parte da nossa hospitalidade. Mesmo no final das assembleias, a população ficava a conversar com os artistas, acalorava-os”, conta Joana da Silva, vereadora da Educação e da Ação Social. “Inclusive, quando o Gonçalo MAR começou a fazer as suas intervenções na antiga central, teve miúdos da escola, professores, que foram para lá e ajudaram. As pessoas iam passando, iam perguntando. Mas perceber e deixar mexer naquilo que é deles é mais complicado.” Os artistas sentiram essa reserva. “Somos todos artistas com trabalho autoral forte”, refere Gonçalo MAR. “Apresentamos conceitos que

obrigam a pensar a arte. Em Ventozelo, por exemplo, queriam que representássemos vacas, arados. E não era isso que nós queríamos. Isso é o que as pessoas têm todos os dias.”

Luís Carlos Fernandes, secretário da Vereação, foi quem acompanhou os trabalhos no terreno, tratou da logística. “Disponibilizei-me no primeiro dia para levar os artistas aos locais e contar a história dos espaços por onde íamos passando. Falei-lhes também de algumas preocupações e necessidades das pessoas”, descreve. “Fui à minha terra, Ventozelo. Acabei por ser o mensageiro do que se ia passar. Fomos até aos depósitos de água, os locais cantaram-lhes uma canção, os artistas sentiram-se à vontade e perceberam por onde poderiam começar a trabalhar. Muitas ideias surgiram nestes primeiros dias, surgiam conforme caminhávamos.” Luís Carlos Fernandes remata: “Foi uma semente que se lançou. Sempre que alguém chegue a Mogadouro e pergunte pelo Arte Pública fundação edp, as pessoas vão saber dizer-lhe o que é o programa e onde estão as obras. Despertou a curiosidade.”



Más Caras, MAR, posto de transformação EDP Distribuição, Mogadouro, 2017.

Cristina Mateus (1968)



Cristina Mateus vive e trabalha no Porto. Entre 1986 e 1991, frequentou o curso de Artes Plásticas e Pintura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, hoje chamada de Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde é professora. Nos últimos anos, apresentou as exposições individuais *J. e as Pedras* (Espaço Mira, Porto), *NJOIT* (Galeria Fernando Santos, Porto) e *Répétition* (Círculo de Artes Plásticas de Coimbra) e participou nas coletivas *Lugares de Viagem – Bienal da Maia 2015*, *Homeless Monalisa* (Colégio das Artes, Coimbra), *Diálogo* (Galeria Fernando Santos, Porto), *Uma* (Painel – galeria da FBAUP, Porto), *P. – uma homenagem a Paulo Cunha e Silva, por extenso* (Galeria Municipal do Porto). Realizou também em 2015 a cenografia para *Lastro* da coreógrafa Né Barros e participou como intérprete no filme *A Santa Joana dos Matadouros* de João Sousa Cardoso (2014). Em 2016, apresentou a performance... *de qualquer modo há um ritmo forte... e tu sabes o que é. Não dá para parar no espaço Maus Hábitos*, no Porto. Em 2017, participou na exposição *Them or Us, Um Projeto de Ficção Científica, Social e Política*, com curadoria de Paulo Mendes, na Galeria Municipal do Porto. É cofundadora da associação cultural Virose.

Gonçalo MAR (1974)



Centrada na construção de um imaginário que o próprio definiria como “figurativa surrealista”, a obra do lisboeta Gonçalo MAR mistura elementos do universo da banda desenhada e da animação com alguns elementos da cultura japonesa ou outros mais ligados aos códigos da *street art*. As personagens centrais multicoloridas são envoltas numa aura absurda, mostradas em situações que parecem saídas de um sonho. Na parede de um edifício, pode haver uma personagem gigante convidando o observador a sair da rotina e a sonhar. Além da *street art* e do *graffiti*, a obsessão pelo desenho e pela riqueza dos detalhes de Gonçalo MAR transfere-se também para as telas e para as instalações oníricas em contexto de galeria. Estas incorporam madeira, cartão e outros materiais reciclados.

FAHR — F. F. Almeida (1981) H. Reis (1986)



Os FAHR 021.3 são um coletivo fundado em 2012 por Filipa Frois Almeida e Hugo Reis. São ambos formados em Arquitetura pela Escola Superior Artística do Porto e os seus percursos foram sendo marcados por intersecções da arte com a arquitetura.

Filipa Frois Almeida realizou Erasmus na Technische Universität Berlin e trabalhou em escritórios de arquitetura em Berlim, como LW Architekten e J. MAYER H. Em paralelo, estudou fotografia no Instituto Português de Fotografia e mais tarde na Imago Galerie Berlim. Desde 2000, arrecadou vários prémios nacionais e internacionais nesta disciplina.

Hugo Reis, ainda no decorrer do curso de Arquitetura, trabalhou no escritório Architectos Anónimos, de 2008 a 2012. Completou em paralelo um conjunto de formações na área da arquitetura digital e tecnologias de fabricação, ferramentas adquiridas que o levaram mais tarde a integrar o escritório de renome internacional J. MAYER H. em Berlim.

A dupla FAHR tem sido distinguida nacional e internacionalmente por um conjunto de projetos que se caracterizam pela sua abordagem formal e provocadora como *Hairchitecture*, *Metamorfose*, *Eclipse* e *Nappe* (2016-19 em Taiwan).

No ano de 2018, terá um dos seus trabalhos representados, o Pavilhão de Serralves, na 16ª Exposição Internacional de Arquitetura – La Biennale di Venezia, intitulada *Public Without Rhetoric*, que tem curadoria de Nuno Brandão Costa e Sérgio Mah. Os FAHR contam ainda com a fundação de um outro projeto, que visa a intervenção arquitetónica na paisagem em colaboração contínua com outros *ateliers* criativos, de seu nome HODOS.

Alejandra Jaña (1973)

Alejandra Jaña tem dedicado a sua prática profissional a projetos de *design* de comunicação com ênfase em identidade visual e *design* editorial, com enfoque na cultura. Foi cofundadora do *atelier* Martino&Jaña, onde teve a oportunidade de desenvolver, ao longo de 15 anos, inúmeros projetos que cruzam múltiplas disciplinas adjacentes ao *design* para clientes como Nike (EUA), NBC (EUA), Museu de Serralves, Porto (2001), Guimarães Capital Europeia da Cultura (2012), Centro Cultural Vila Flor, Câmara Municipal do Porto, entre outros. Foi docente da cadeira de Estudos Aplicados em Tipografia em 2008 na ARCA, em Coimbra, e entre 2009 e 2012 na FBAUP – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, no mestrado de Design Gráfico e Projetos Editoriais. Em 2012, envolve-se com um coletivo de criadores e investigadores na criação da *We Came From Space*, plataforma de investigação e troca de conhecimento na área do *design* e da produção gráfica, da qual faz atualmente parte da direção.

8

O Teu Nome

Autoria:

Cristina Mateus
e FAHR

“Isto não é poesia/ Escreve/ As tuas coisas/ Nos montes/ Nas pedras/ O teu nome.” Inscrito numa estrutura metálica no posto de transformação (PT) da EDP Distribuição em Meirinhos, este é o poema que resultou do cruzamento de conversas que Cristina Mateus teve durante as assembleias com as populações, com as pessoas da organização do Arte Pública fundação *edp* no terreno, com funcionários da câmara que acompanharam os trabalhos. “Logo na primeira assembleia, em Mogadouro, sentimos um ambiente reativo. E estávamos apenas na fase de apresentar, de dar a conhecer o nosso trabalho”, começa por contextualizar Cristina Mateus. Apesar de os meios rurais terem uma forte tradição oral e a ficção ser por isso muito explorada, através de efabulações, Cristina Mateus explica que os imaginários – os das populações e os dos artistas – pareciam muito distantes. “As pessoas não querem estar no es-

paço do desconhecido, querem estar no espaço da identidade”, refere. “Foram-nos contadas histórias mirabolantes, histórias de contrabando, de fronteira. Não é uma terra apenas de isolamento, é também uma terra de possibilidade para se estar no outro lado.” E acrescenta que os transmontanos são pessoas destemidas. “Terá havido alguma sensação de desconfiança. Há muito o sentimento de que as aldeias estão a morrer e a população que ainda lá vive não quer que elas morram associadas a outras imagens que não as da sua identidade. As pessoas são cuidadosas.”



Este PT de Meirinhos está situado na Rua da Galiza, um caminho que fica paralelo à EN 315, mas topograficamente mais baixo do que a estrada nacional. As letras pretas, suportadas por uma estrutura cor de vinho igualmente metálica, foram colocadas à altura suficiente para que quem passa na EN 315 encontre ao seu lado um convite

à leitura da paisagem. Este trabalho faz-se também pelos FAHR na discussão dos modos de relacionamento com o PT e com o Gonçalo MAR numa aproximação ao *graffiti*, aos chamados *tags* (assinaturas dos *writers*) distribuídos pelas paredes das cidades. “Gostava de ser como o Gonçalo, de escrever o meu nome nas paredes. Estou a escrevê-lo de outra forma. Estou a escrever o nome na paisagem.” Cristina Mateus convida o transeunte que desfrute da obra a inscrever a sua própria ideia de nome, de identidade, na paisagem verde que vê ao fundo, atrás do edifício. “O nome tem que ver com a nossa ligação às coisas”, extrapola Cristina Mateus. “O nome é talvez a origem. Como é que isso acontece? Nós próprios, quando nascemos, não temos controlo sobre isso.”

O cunho dos FAHR nesta parelha sente-se na escolha da assimetria com que as letras foram colocadas, desviadas para a esquerda, e também no facto de toda a estrutura sair de quadro. Ou seja, vai para lá dos limites da parede e projeta-se na paisagem.



FREGUESIA Concelho:
MOGADOURO

Localização:
Rua da Galiza,
Meirinhos

GPS:
Latitude 41.26211
Longitude -6.82217



O Teu Nome, Cristina Mateus com FAHR 021.3, Meirinhos, 2017.

Esta rua tem cinco habitantes, eu sou o mais velho. Mas vêm aqui muitas moças de fora visitar.

Gualter Prata, 94 anos, reformado.

9

Livro de Artista Bien-Être

Autoria:

Alejandra Jaña
Cristina Mateus
Filipa Frois Almeida
Gonçalo MAR
Hugo Reis

No fundo, trata-se de um objeto de arqueologia. Daí estar assumido como um objeto artístico que pode ser visitado, e consultado, no sítio que agrega os achados arqueológicos do concelho, a Sala Museu de Arqueologia de Mogadouro. *Bien-Être* é um livro que documenta todo o processo criativo dos quatro artistas convidados para fazerem intervenções no espaço público de Mogadouro, no contexto do programa Arte Pública fundação edp. Retrata tudo o que Cristina Mateus, Filipa Frois Almeida, Gonçalo MAR e Hugo Reis prepararam, trabalharam e apresentaram às populações, mesmo as obras que acabaram por não se concretizar. Trata-se, no fundo, de um registo de tudo o que foi criado. A arte gráfica do livro é assinada por Alejandra Jaña e Cristina Mateus.

“A certa altura surgiu um texto escrito por mim e que foi apresentado numa das assembleias”, conta Cristina Mateus. “Apesar de o texto ter acabado por não ser usado – apenas um excerto dele serviu a intervenção feita no posto de transformação da EDP Distribuição em Meirinhos (vide obra nº 8) –, a ideia de um livro seria a opção mais amigável para recebê-lo.” Tudo o que os artistas fizeram foi registado. “O processo foi muito feito de tudo o que se estava a pensar e acabou por não acontecer. O livro é feito como se fosse um arquivo de material.”

As folhas deste livro expositivo não estão coladas umas às outras. “O livro pode ser aberto e as páginas ficarem todas espalhadas. No momento em que for de novo montado, pode sê-lo de formas diferentes”, explica Cristina Mateus. “São formatos desenhados”, acrescenta Alejandra Jaña. “A publicação tem três capítulos, cujo formato tem tamanhos diferentes. No primeiro, temos imagens de enquadramento do território – as pessoas com quem os artistas conversaram, os encontros que tiveram com a paisagem, os edifícios em que iriam intervir, as memórias da própria terra. O segundo capítulo são textos da Cristina, que estão isolados e são depois utilizados.

E o terceiro contempla toda a obra, desde o trabalho exploratório até à montagem.” O *Livro de Artista* está exposto para manuseamento na Sala Museu de Arqueologia, mas há uma edição física de mais 149 exemplares, 140 dos quais são cosidos. Há 10, incluindo o que está em exposição, que são soltos. Alejandra Jaña refere que a ideia inicial não era essa, mas que não se importa que tenha evoluído para a impressão de 150 exemplares. Diz que é memória que fica.

“Quanto à arte gráfica, há apenas pequenos pormenores. Não quis ser muito interventiva, porque o próprio livro – o formato – era já muito interventivo”, continua Alejandra Jaña. “Há referências à atitude que os artistas tiveram durante o trabalho exploratório que fizeram. Eles trabalharam com cores, transparências, retângulos. Há um pequeno piscar de olhos a estas referências na capa e na sobreposição dos formatos.”

Este livro é também um ato político. “Espero que seja consultado. Gostava que pegassem nele, o desmontassem e o voltassem a montar à sua maneira. Quase como um ato performativo.”



FREGUESIA Concelho:
MOGADOURO

Localização:
Sala Museu de Arqueologia,
Rua D. Afonso II

GPS:
Latitude 41.3405735
Longitude -6.7158408



Gostei muito das intervenções. É uma boa iniciativa, passámos a ter suportes elucidativos do que é o nosso património cultural. Deviam fazer mais, porque enobrecem o espaço público.

Emanuel Campos, 36 anos, arqueólogo.

Livro de Artista (detalhe), coletivo de artistas, Mogadouro, 2018.

10

Mush

Autoria:

Gonçalo MAR
c/ comunidade



“Viva o capitão Cruz, que nos deu água e luz.” Quem lembra o rifão é o atual presidente da Câmara de Mogadouro, Francisco Guimarães. O capitão Cruz era o presidente da autarquia em funções aquando da instalação da primeira central elétrica na vila, em 1935. Na antiga central, que fica no caminho com o seu nome e que se encontra desativada, pode ver-se a pequena inscrição: “CMM 1935.” No descampado à volta do edifício – as casas estão a alguns metros acima do terreno inclinado –, estão pousados arados e outras alfaías agrícolas. Pode andar por lá um tractor a fresar o terreno contíguo, um cão sentado ao lado do condutor.

Para o edifício, que outrora fora branco e agora é colorido e preto, Gonçalo MAR inspirou-se numa cultura muito própria da zona: o cogumelo. A apanha

do cogumelo é uma aprendizagem que passa de pais para filhos, é preciso saber identificar quais as espécies comestíveis. As paredes da antiga central transformaram-se numa grande tela na qual todas as pessoas foram convidadas a participar. Juntaram-se miúdos e graúdos, juntaram-se funcionários da câmara, juntaram-se os outros artistas. “Os miúdos adoraram. Associaram ao *graffiti*, ao proibido. Alguns nunca tinham pegado numa lata de *spray*. Foi muito gratificante para eles”, refere Joana da Silva, vereadora da Educação e Ação Social de Mogadouro.

A técnica de pintura foi aqui invertida. Não foram pintados cogumelos por cima de um fundo preexistente, o fundo é que foi pintado depois a preto por Gonçalo MAR e definiu os contornos dos cogumelos. “A cor da intervenção, que formou o corpo dos cogumelos, foi dada a quem quisesse participar”, contextualiza Gonçalo MAR. “Tentámos fazer com que fosse um trabalho de comunidade.” E explicou que, ao contrário de outras situações em assembleias comunitárias, em que nem sempre foi entendida a diferença entre trabalho artístico comunitário e cunho autoral de uma obra, esta intervenção serviu para desmistificar essa diferença. “Foi muito participado. Havia pessoas de 70 anos a pintar, havia outras com 8 anos. O espectro etário foi muito lato.



Estavam praticamente todas as faixas etárias representadas.”

Numa das fachadas laterais da antiga central, as plantas selvagens crescem tão alto que parecem querer fazer parte do quadro. Os cogumelos pintados de tons azuis, rosas, verdes e amarelos brotam daquelas ervas em harmonia, como se a intervenção humana e a paisagem tivessem sido feitas uma para a outra. Numa outra face do edifício, está pintado um cogumelo especial. Não apresenta o formato longitudinal dos outros, o piléu é mais arredondado, mais parecido com uma cara. No meio, estão pintados dois grandes olhos e a estrutura da porta por cima da qual foram desenhados confere o nariz e a boca. O pé do cogumelo faz de pescoço, muito longo e esguio. Este “rapaz” é o último de uma sequência de cogumelos na fachada que dá para o Caminho da Central Velha e está a olhar para quem passa.



FREGUESIA Concelho:
MOGADOURO

Localização:
Caminho da Central
Velha

GPS:
Latitude 41.33684
Longitude -6.71806



Mush, MAR com comunidade, Mogadouro, 2018.

Eu acompanhei o Gonçalo. Foi o primeiro trabalho a ser realizado. Fizemos questão de levar os miúdos das escolas. Teve logo uma enchente de gente. A curiosidade fez com que a população se juntasse à atividade.

Núria Borges, 33 anos, técnica de cultura, antropóloga.

11

Ondas de Choque

Autoria:
FAHR, Cristina Mateus

A arquitetura não tem de ser habitada, pode ser apenas usufruída. Os FAHR encaram a prática da arquitetura como uma forma de expressão e preferem falar em usos da arquitetura e não em função. Um desses usos é a fruição, e por isso interessa-lhes trabalhar com os limites tanto da arquitetura como da arte. Os FAHR, Filipa Frois Almeida e Hugo Reis, fizeram a licenciatura na Escola Artística Superior do Porto. Na faculdade, contactavam com alunos de pintura, escultura, fotografia, videoarte. Ressalvam a diferença entre arquitetura temporária e efémera e dizem agradar-lhes a forma como a segunda envelhece. Atrai-lhes a ideia de arte pública, pelo caráter que tem de intervenção na paisagem urbana. “Interessa-nos muito mais a forma como as pessoas vivem o espaço público – que é altamente codificado – e ajudar a quebrar preconceitos em relação a ele”, refere Hugo Reis. “Todos os nossos estudos, todas

as nossas intervenções, vão no sentido de tentar criar alguma inquietude.” Filipa Frois Almeida complementa: “Criar algo inesperado que complete, que com o seu desequilíbrio traga equilíbrio.” Os FAHR trabalham o estímulo, no cidadão. E com isso geram novas memórias, novas identidades.



No posto de transformação (PT) da EDP Distribuição que fica na Rua Dr. Casimiro Machado, os FAHR pegaram em duas matérias para trabalhar: uma frase da autoria de Cristina Mateus, da qual retiraram um excerto para servir de título à obra, e o reticulado feito de cimento que confere relevo às quatro faces do edifício. Essa espécie de grelha sobreposta às paredes foi pintada de verde.



A ideia inicial era que houvesse uma volumetria que estendesse a nervura geométrica e pensaram na colocação de uma grade em madeira.

Esta opção não avançou, devido a questões técnicas e de funcionamento do próprio PT, e acabou por ser a pintura o método usado para criar esse efeito. “É uma lógica quase de criar um novo marco, uma nova centralidade. E este deixa de ser suporte [da estrutura] e passa a ser identidade – uma nova identidade”, explica Hugo Reis. “Criámos uma espécie de acidente nesta nervura, representámos nela um acidente. Como que uma sombra que descolou da estrutura – deixou de ser algo físico, passa a ser algo bidimensional. É uma onda acidentada que sofreu uma provocação.”

A frase que serviu o título, da autoria de Cristina Mateus, foi a seguinte: “Tramas elétricas são ondas de choque.” “Os FAHR apanharam a ideia de uma trama”, contextualiza por sua vez Cristina Mateus. “Gosto muito quando as coisas não estão bem acabadas, é essa a impressão que fica nesta intervenção. Esta trama é uma trama incompleta e faz lembrar aquilo que poderia ser: uma trama no espaço, no ar, uma trama feita de choques elétricos, sem matéria.”



FREGUESIA Concelho:
MOGADOURO

Localização:
Rua Dr. Casimiro
Machado

GPS:
Latitude 41.33917
Longitude -6.71364



Ondas de Choque, FAHR e Cristina Mateus, 2017.

A minha opinião é muito positiva. A obra veio reavivar um património arquitetónico que estava a degradar-se e dar alguma vitalidade à vila.

Luzia Salgado, 47 anos, técnica de turismo e cultura.

12

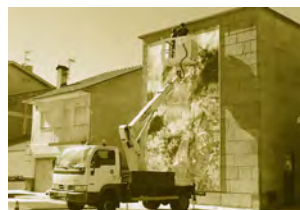
Acerca de Mogadouro

Autoria:
FAHR

“É um berro humano numa foto só.” Quem o diz é Hugo Reis, um dos elementos dos FAHR. Um painel de lona que ocupa a fachada frontal do posto de transformação (PT) da EDP Distribuição na Rua das Eiras, a obra resultou da vinda ao concelho para fazer pesquisa. “Eu e o Hugo viemos cá umas vezes sozinhos. Vínhamos muito com a vontade de fazer umas experiências no terreno, perdermo-nos um bocado, andar de carro, parar e ir para o meio de um campo qualquer tirar umas fotografias. Explorávamos o que nos circundava, parávamos e conversávamos com uma pessoa ou outra”, conta Filipa Frois Almeida, que era quem andava de máquina em punho. “Desde o início do curso de Arquitetura que comecei a trabalhar muito com a fotografia. É uma ferramenta de exploração muito importante para mim.”

Os FAHR sempre gostaram da ideia de trabalhar o território. “O território é composto por várias camadas. E não existem

limites”, refere Hugo Reis. “A dada altura, quando chegámos aqui a Mogadouro, os terrenos pareceram-nos uma manta de recortes na paisagem. E há bastantes oliveiras, que criam uma métrica, um pontuado, texturas, cores – que são sempre contrastantes. O conceito tornou-se mais forte quando nos apercebemos de que há distâncias. As pessoas deslocam-se muito de carro, defendem muito a sua freguesia e, em última análise, defendem muito o seu terreno e a sua casa. E sentem-se orgulhosas disso mesmo. Portanto, o território é tudo isso.”



Uma senhora idosa, vestida de preto, cabelo apanhado, ocupa a centralidade do quadro, como se segurasse as pontas de todas as narrativas possíveis através da sua figura. “Eu faço muito estas composições. Conto uma história a partir de várias coisas que se foram propagando no tempo”, explica Filipa Frois Almeida. Existem imagens de outras mulheres sobrepostas, de forma difusa, e o trabalho de simulação da passagem do tempo foi feito de um rendilhado de manchas brancas

desenhado sobre boa parte da superfície. “Quando cá viemos, fotografámos o tempo. Fotografámos coisas que estão a desaparecer-se com o tempo – os cartazes antigos, as casas abandonadas”, acrescenta Filipa.

A ideia inicial era a de fazer uns cartazes com as fotografias sobrepostas dos trabalhos de todos os artistas intervenientes no Arte Pública fundação edp – Voltagem em Mogadouro. O projeto não avançou, mas deu o mote para a colagem com caras de pessoas, como se fossem recortes de terrenos vistos do céu. Os tons – brancos, cinzas, pretos e rosa-salmão muito ténues – dão um efeito de aguarela ao conjunto e conferem à obra uma certa leveza, um carácter um pouco angelical. Ao longo do tempo, a tela irá perder a cor. A obra está virada a sul, apanha sol de manhã à noite. Filipa Frois Almeida gosta disso. “Durante a pesquisa que fomos fazendo, havia muitos cartazes antigos nos quais quase só se notava o papel e umas *nuances* do que é que estava escrito antigamente. Isso não me desagradava.” Outra *nuance* é o facto de a tela não se encontrar pendurada ao centro da fachada, antes a uns largos centímetros à esquerda. É uma das características do trabalho dos FAHR: criar pequenos desvios para suscitar novas identidades.

FREGUESIA Concelho:
MOGADOURO

Localização:
Rua das Eiras

GPS:
Latitude 41.3435108
Longitude -6.7207724



Acerca de Mogadouro, FAHR, 2018.

Acho que é muito bom, tanto para a EDP como para o património em Mogadouro. O painel foca as pessoas da aldeia, espalha a cultura do que é nosso.

Diogo Verde, 21 anos, estudante.

13

Más Caras

Autoria:
Gonçalo MAR

É o único que não é um mascarado no verdadeiro sentido da palavra. Um farandulo é um indivíduo que, no contexto dos rituais e festividades da Máscara Ibérica, não tem um objeto colocado em frente à cara. A cara é pintada de preto – com graxa ou cortiça queimada. Em Tó, uma freguesia de Mogadouro, celebra-se a 6 de janeiro o Dia do Farandulo. Integrada em rituais pagãos de celebração do solstício de inverno, a festa consiste em o farandulo andar de casa em casa a tentar roubar raparigas solteiras. A encenação acaba em frente à igreja, com uma atuação de gaiteiros. Gonçalo MAR representou as máscaras das freguesias de Mogadouro numa das fachadas do posto de transformação (PT) da EDP Distribuição na Rua da Fonte Nova em Mogadouro, incluindo o farandulo. Estão lá também o chocalheiro de Bemposta, os velhos de Bruçó, o velho chocalheiro de Vale do Porco, o careto e a velha de Valverde, o mascarão e a mascarinha de Vilarinho

dos Galegos. “Mogadouro tem uma série de localidades e cada uma tem a sua máscara”, refere Gonçalo MAR. “Fiz um apanhado de algumas mais interessantes e coloquei-as lá.” O sucesso junto da população foi imediato. As pessoas acorreram à Rua da Fonte Nova para ver o trabalho pintado a latas de spray no PT.

Gonçalo MAR faz questão de frisar a importância de ter insistido em fazer esta obra segundo os traços que são característicos do seu trabalho. “Foi imediato. É a minha imagem, é a minha marca autoral que está ali, e foi super-reconhecido”, explica. “Bastou ter uma corzinha para fazer ligação.”



As principais características do trabalho de Gonçalo MAR apontam na direção do figurativo surrealista. “Se estiver em Amesterdão, sou capaz de pintar um ciclista com um moinho na cabeça e os pés são peixes”, exemplifica. O importante é ter liberdade total sobre o tema. “Faço um twist ao que é suposto ser a norma. E depois há a forma como construo as personagens. Uso uma linha muito solta, com muito movimento.” Em termos

de cores, diz usar muito os tons de pastilha elástica e do algodão-doce. As máscaras pintadas no PT de Mogadouro não foram exceção. Vários tons de rosa, roxo, violeta, alguns laranjas. Podiam ser chupachupas de criança com formato de caracos. Ou então balões, daqueles de material metalizado que se compram aos mais pequenos em dias de festa ao ar livre. Na parede lateral ao desenho há, inclusive, uma máscara solta – fundo branco – com uma guita presa na base. “São cores muito vivas e eu gosto de trabalhar o contraste – cores quentes com frias –, de modo a suscitar sensações, de transmitir uma energia muito positiva.”

A contraposição das cores quentes com as frias de que Gonçalo MAR fala faz-se, no caso deste PT, com a paisagem à volta. Os rosas e os violetas da parede ganham contexto com os verdes das árvores em redor e da relva que rodeia o PT e também com o azul do céu, em dias de sol. O preto desempenha também um papel importante. É o elemento que nos lembra que o assunto é de adultos, que ficção e fantasia também sabem apresentar o seu lado mais sombrio.



FREGUESIA Concelho:
MOGADOURO

Localização:
Rua da Fonte Nova

GPS:
Latitude 41.3454204
Longitude -6.7078905



Más Caras, MAR, posto de transformação EDP Distribuição, Mogadouro, 2017.

A experiência foi uma maravilha. Os postos de transformação (PT) da EDP Distribuição ficaram muito bonitos. O que está na Rua da Fonte Nova é muito bonito, as pessoas gabam-no muito. Ainda há uns tempos estiveram lá umas raparigas a tirar fotos. Eram modelos. Puseram bancos e sofás à frente do PT e tudo.

Augusto Alves, 53 anos, eletricitista da EDP Distribuição – Bragança.



Torre de Moncorvo

Alfândega da Fé

Mogadouro

Miranda do Douro

Miranda do Douro

- 14 GAME OF DRONES - NO PRINCÍPIO ERA O VENTO,
Ricardo Santos
- 15 PAULITEIROS, Miguel Schreck
- 16 L GUEITEIRO EILECTRICO, Pedro Almeida
- 17 SIMBLOS MIRANDESES: IS BIELHOS I IS NUOBOS,
Lérias Associação Cultural
- 18 POR I, Fernando José Pereira
- 19 YOU=EU, R2 Design
- 20 CARTAZES YOU=EU, R2 Design

img © Rute Ferraz, Miranda do Douro, 2017.

Miranda do Douro

Parceiro:

Rede Inducar

Facebook:

voltagemtmad

Momento um na vida do concelho de Miranda do Douro. No final da manhã de sábado, a Rua da Ermida, uma rua larga que desemboca no cemitério de Sendim, está deserta, as pessoas encontram-se recolhidas para o almoço. O Centro de Música Tradicional Sons da Terra encontra-se do lado esquerdo. Fundador da associação, Mário Correia apresenta o espaço, uma casa branca de dois pisos, o de baixo repleto de instrumentos e *memorabilia* ligados à cultura e à sonoridade mirandesas, e o de cima uma mediateca organizada por vinis, casetes de vídeo, livros. O trabalho desta associação passa por reunir registos de gaiteiros e tamborileiros, de cantos tradicionais, de paisagens sonoras e coleciona também edições bibliográficas sobre música tradicional. “Hoje há uma outra consciência relativamente à cultura mirandesa. Uma coisa interessante é o facto de as

pessoas que aqui vêm não serem turistas, serem pessoas com conhecimentos acerca do assunto.” O espaço é visitado por uma média de 400 estudantes por ano.



Momento dois. Já passa da hora de almoço, no Café Burela, em Palaçoulo, terra de tanoaria e cutelaria, e várias pessoas estão ainda a comer a sobremesa, algumas a beber a bica ao balcão. Pelas fitas que protegem a porta da rua dos insetos, consegue ver-se as pessoas a deterem-se à entrada, do lado de fora, a formar um ajuntamento espontâneo daqueles que não precisam de palavras para darem significado ao convívio. Um rapaz pega numa gaita, um homem nos seus



trinta e muitos pega também numa gaita, um outro da mesma idade deste segundo segura um bongo e uma mulher, também nos seus trintas, agarra num tambor. Começam todos a tocar. Estão ali

durante um bocado, o café fica junto a uma praça onde aos sábados de manhã se organiza uma pequena feira, e, passados uns largos minutos, a banda afasta-se e vai a tocar em arruada, praça fora.

Momento três. No Café Associação dos Pauliteiros de Duas Igrejas, são três da tarde e vários homens encontram-se encostados ao balcão, uns a pedir café, outros a beber um digestivo. O espaço fica à beira da Estrada Nacional 221, que atravessa a localidade Duas Igrejas. Pergunta-se pela obra de arte pública feita no posto de transformação da EDP Distribuição e aprontam-se a dizer que, apesar de estar lá retratado um gaiteiro, Duas Igrejas é terra de pauliteiros. “Aqui fica bem, fica bonito. E vê-se bem da estrada”, diz Manuel Afonso, reformado da GNR que chegou a ser pauliteiro em Lisboa.

Momento quatro. Numa tarde de sábado que já vai longa, nos jardins junto à Sé Catedral da cidade de Miranda do Douro é muito provável encontrarmos um casal de noivos em sessões fotográficas, o fotógrafo a dar as indicações para ajeitarem a postura e o vestuário. Além da imponência da igreja, maneirista, datada do século XV, os espaços verdes à volta estão rodeados de uma muralha, a que separa e protege o alto do monte onde se situa a cidade da paisagem que se perde em montes e que tem, lá em baixo, o rio Douro.

Simblos mirandeses:
Is bielhas / Is nuobas (execução),
Lérias Associação Cultural,
caixas EDP Distribuição
de Miranda do Douro, 2016.

Envolvimento comunitário,
Miranda do Douro, 2016.

Simblos mirandeses:
Is bielhas / Is nuobas (execução),
Lérias Associação Cultural,
caixas EDP Distribuição
de Miranda do Douro, 2016.

Por entre os visitantes que percorrem a cidade, ouve-se falar mais espanhol do que português.

Palaçoulo e Sendim (e Atenor) são duas das 13 freguesias de Miranda do Douro, e, juntamente com Duas Igrejas e a própria cidade de Miranda, são os locais que acolhem as obras de um dos quatro núcleos do Arte Pública fundação edp em Trás-os-Montes, o Voltagem. A Lérias – Associação Cultural foi o parceiro artístico local escolhido para fazer a produção no terreno. “O Miguel Schreck, o Pedro Almeida e o Ricardo Santos, da associação Lérias, foram convidados de raiz. A associação trabalha muito a cultura local, desde a música ao teatro e à dança”, justifica Patrícia Costa, da Rede Inducar, cooperativa que ficou encarregada pela fundação edp de implementar o Voltagem nos quatro concelhos de Trás-os-Montes. “Por vezes, foi difícil integrar o projeto, mas não foi o caso de Miranda do Douro. A assimilação foi imediata porque a Lérias já tinha esse trabalho feito junto das populações.” Foram realizadas duas assembleias, no salão nobre da câmara, uma em junho de 2016 e outra em janeiro de 2017.

“Foram escolhas por amor, os locais onde foram feitas as intervenções”, conta Miguel Schreck, um dos artistas do núcleo de Miranda do Douro e membro da Lérias. “Nós trabalhamos

muito o território, conhecemos bem as pessoas. Portanto, esse contacto com a população foi sendo feito de forma informal, surgiu naturalmente. E correu muito bem.”

Fernando José Pereira, artista convidado para fazer a coordenação artística deste núcleo do Voltagem, diz o mesmo. “Correu muito bem. Não concordo nada com o que estão a fazer em muitos sítios, a pintar fachadas, a fazer *graffiti*. Considero tratar-se de poluição visual”, diz o artista que é também professor na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. “O que estava em jogo era todo um processo colaborativo, com outros artistas, com a população. Queria fazer algo que fosse precário e não ficasse a apodrecer juntamente com as paredes.” Fernando José Pereira fez uma instalação visual intitulada *Por i* (vide sinopse nº 18). “O princípio era usar os meios que não violentassem a história deste território, que respeitassem a ideia de temporalidade. Há paredes lindíssimas, nas quais se reconhece o tempo, vê-se a humidade. A proposta de pintar tudo de branco repugna-me, é apagar a história daquelas paredes.”

Patrícia Costa, da Rede Inducar, fala em desafio. “Trabalhar com a fundação edp neste projeto foi algo de novo para nós, fizemos contacto com novos artistas, estabelecemos ligações com estes concelhos



e esta metodologia – a de envolver as pessoas no processo – foi muito positiva. Eu tive pessoas que ainda me ligavam no Natal”, comenta. “Uma das coisas que percebemos é que as câmaras estão com vontade de dar continuidade a este tipo de ações, percebem que as intervenções podem trazer outra visibilidade para o concelho.” Reconhecem-lhe o potencial.

“A vantagem que vejo num projeto como o Arte Pública fundação edp é o de poder colaborar com instituições, o que traz coisas novas. Misturar ideias contemporâneas com ideias tradicionais e sair daí algo inovador”, refere Celina Bárbaro Pinto, diretora do Museu da Terra de Miranda.



“Tenho um *feedback* muito bom por parte das pessoas. Este projeto cria redes, cria sensibilidades estéticas. As pessoas questionaram. E isso, hoje em dia, é muito importante.”

Fernando José Pereira (1961)



Licenciou-se em Artes Plásticas/Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e doutorou-se em Belas-Artes na Faculdade de Belas Artes de Pontevedra, Espanha. É docente na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e investigador no i2ADS, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. Recebeu várias bolsas de estudo e investigação da Fundação Calouste Gulbenkian e expõe regularmente em galerias (Graça Brandão, Marta Vidal, João Graça, Adhoc) e instituições museológicas (Museu de Serralves, Centro Cultural de Belém, Museu do Chiado, Culturgest, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Galego de Arte Contemporânea, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra). Participa em bienais e mostras internacionais e tem obras em coleções públicas em instituições como a Fundação de Serralves, o Instituto de Arte Contemporânea, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Centro Galego de Arte Contemporânea ou a Universidade do Porto.

Miguel Schreck (1978)



Começou o seu percurso artístico desde muito novo. Diz-se autodidata e que aprendeu a desenhar a partir de livros. Ingressou depois no curso de Arquitetura na Universidade Lusíada do Porto e mudou-se para Design de Interiores na ESAD de Matosinhos. Estudou teatro no Method Studios em Londres e o gosto pela fotografia tem-no acompanhado ao longo da carreira. Vive desde 2012 em Miranda do Douro e está ligado à Lérias – Associação Cultural na qualidade de professor e dirigente, na qual ajudou a criar o grupo de teatro Tretas.

Pedro Almeida (1980)



É licenciado em Artes Plásticas na Escola Superior das Caldas da Rainha, frequentou o curso de fotografia na escola Ar.Co e é mestre em Educação Artística na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Participa, desde 2002, em várias exposições de fotografia e pintura a nível nacional e internacional e também em intercâmbios culturais na Turquia, França, Lituânia, Espanha e Índia. Em Miranda do Douro, colabora de forma ativa no projeto educativo da AEPGA (Associação para o Estudo e Proteção do Gado Asinino) e em projetos de música e teatro com a Lérias – Associação Cultural.

Ricardo Santos (1982)



Músico, professor e antropólogo, Ricardo Santos é licenciado em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Fez o Curso de Formação de Animadores Musicais da Casa da Música, no Porto, e tem formação em gaita de foles pela Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita-de-Foles. Foi professor de gaita de foles na Escola de Música Tradicional da Lérias – Associação Cultural, Miranda do Douro, de 2011 a 2016.

R2



Lizá Defossez Ramalho (1971) e Artur Rebelo (1971), licenciados em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e diplomados em Estudos Avançados em Recerca, Disseny, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Barcelona, fundaram o *atelier* de design de comunicação R2, em 1998, no Porto. Trabalham para várias instituições culturais, artistas e arquitetos, em projetos em áreas como identidade visual, design editorial, cartazes, sistemas de sinalética, design de exposições, web e motion. O seu trabalho estende-se ainda à curadoria, publicação de obras e criação de intervenções e instalações.

14

Game of Drones

Autoria:
Ricardo Santos

A vontade primeira que dá ao começar a ouvir-se os sons da instalação *Game of Drones*, depois de colocar os *headphones* nos ouvidos, é a de ir, simplesmente ir. Permitir-mo-nos deambular pela imensa paisagem que existe à volta de terras de Miranda do Douro, como Sendim, Atenor e Palaçoulo. É nas associações destas três povoações que se encontram os MP3 com a obra de Ricardo Santos: na Sons da Terra, em Sendim, na AEPGA, em Atenor, e na Caramonico, em Palaçoulo.



“A minha participação no Arte Pública fundação edp – Voltagem em Miranda do Douro foi apresentar a gaita de foles, instrumento ao qual me dedico”, conta Ricardo Santos, que é também membro da Lérias – Associação Cultural, parceira do Voltagem em Miranda do Douro.

“A ideia foi fazer uma abordagem contemporânea à gaita de foles, fazer uma desconstrução do instrumento. A gaita de foles é composta por um tubo melódico, que se chama ponteiro, e por um outro tubo que se chama ronco, que tem sempre uma nota pedal, uma nota bastante grave, inalterada. O que fiz foi abandonar o melódico e usar três roncões”, explica Ricardo Santos. “E joguei com as afinações e as desafinações. O ato de afinar e desafinar cria um batimento próprio, através da combinação destes três roncões. É, no fundo, uma gaita de roncões e não de foles.”

Ricardo Santos colaborou também na banda sonora para a instalação de Fernando José Pereira (vide sinopse nº 18). Diz que o facto de ter participado no filme abriu-lhe perspectivas para este trabalho, para esta instalação sonora. “É uma peça com princípio, meio e fim. Fiz duas versões, uma de sete minutos e outra de 15. Acabou por ser um processo muito matemático”, refere. “Tinha experimentado gravar dois roncões ao mesmo tempo e fui desafinando ou afinando um deles. O ronco é a base e é essa base que me dá o conceito de afinação, de aproximação, que dá as frequências”, explica. O processo foi feito em estúdio, no Royal City Studios, em Guimarães. “E funcionou: gravei um primeiro ronco-base

e depois gravei o segundo. Quando entra o terceiro, já o primeiro está numa frequência mais acima. Foi tudo cronometrado, o minuto 1, o minuto 2, o minuto 3, o minuto 4. O terceiro ronco bate com os dois primeiros.” Acabou por ficar a versão de 7 minutos e 53 e o som é acústico e limpo de efeitos. Apenas os volumes foram masterizados.



O processo viveu muito de experiências que Ricardo Santos foi fazendo. “Começa com uma arrancada, como se fosse das entranhas da terra, muito visceral, e acaba como o desvanecer – ronco – da experiência.” O nome, *Game of Drones*, é um trocadilho: ronco em inglês tem o nome de “drone” e o artista fez um trocadilho com o *Game of Thrones*, *A Guerra dos Tronos*, os famosos livros da autoria de George R. R. Martin, a partir dos quais resultou a série de televisão. “Drone é simultaneamente o nome que se dá a este tipo de som. Quanto ao subtítulo – *No início era o vento* –, o vento é o princípio de tudo. E é também o vento a passar nos palhões que faz a produção de som.”

FREGUESIA Concelho:
MIRANDA DO DOURO

Localização:
MP3 disponíveis no Sons da Terra, R. da Ermida, Sendim; AEPGA, Casa do Povo, Atenor; e Assoc. Caramonico, R. da Indústria, Palaçoulo

GPS:
Latitude 41.38763
Longitude -6.42399



Game of Drones, Ricardo Santos, Miranda do Douro, 2016.

É o tal desassossego. O *Game of Drones* não pode ser avaliado numa corrente estética normal. Trata-se de uma ousadia criativa. É uma belíssima ideia e o objetivo foi cumprido.

Mário Correia, 65 anos, Centro de Música Tradicional Sons da Terra.

15

Pauliteiros

Autoria:

Miguel Schreck

O que as obras *Pauliteiros*, de Miguel Schreck, e *L Gueiteiro Eilectrico* (vide sinopse nº 16), de Pedro Almeida, têm de fascinante é precisamente a ideia de troca. A intervenção acerca dos pauliteiros está feita num posto de transformação (PT) da EDP Distribuição em terra de gaiteiros, Palaçoulo, e a obra sobre os gaiteiros está feita num PT em terra de pauliteiros, Duas Igrejas. Aquilo que a princípio as populações das duas localidades não perceberam – houve vozes dissonantes a dizer que aquilo não fazia sentido – é o que torna a pertinência da ideia tão forte: a ideia de aproximação, a ideia de nos acercarmos do outro acolhendo o que o outro é ou faz. Com esta proposta, Miguel Schreck e Pedro Almeida mais não fizeram do que promover uma maior intimidade entre as duas povoações e de as obrigar a colocar-se no papel do outro: os gaiteiros no papel dos pauliteiros, os pauliteiros no dos gaiteiros.

Outra crítica que Miguel Schreck chegou a receber relativamente à sua obra, em tom jocoso, era a de



que a sua instalação não estava acabada. “«Aquilo não está acabado», «faltam peças». Era o tipo de comentários que costumava ouvir”, conta Miguel Schreck. “Foi um diálogo interessante este que se criou, acabei por aproveitar e falar sobre o meu trabalho, sobre o que faço.”



Professor de Pintura e Desenho na Escola de Artes da Lérias – Associação Cultural, parceira local do Arte Pública fundação *edp* – Voltagem em Miranda do Douro, Miguel Schreck assume-se um paisagista: gosta de pintar paisagens. “O que faço é uma desconstrução da imagem para depois voltar a construí-la, sob o formato de uma grelha. O meu trabalho desenvolve-se muito a partir disso. E, como sou um paisagista, observo muito. Faço uma fragmentação, depuro a imagem e volto depois a reconstruí-la com os seus elementos identitários.” A grelha é uma espécie de jogo, de

tabuleiro, onde estão dispostos elementos como os sapatos dos pauliteiros, em baixo, um pormenor das calças, as vestes coloridas, o chapéu, os paus. O jogo dá-se, também, ao nível dos elementos que estão presentes e dos que estão ausentes, através dos quadriculados que não estão preenchidos. Promovem, desta forma, um poder maior de sugestão.

Há também a questão do contexto, do entorno. O PT fica à beira da estrada, à entrada de quem chega à aldeia e à saída de quem parte. “A questão era essa, a da estrada. Escolher o lado oposto à face do edifício que trabalhei era complicado porque havia uns fios a sair de lá. Optei pela que sugere um cartão de visita a quem chega.” Miguel Schreck pensou também na forma como a obra é percebida: se por quem passa a pé, se de carro. “Da experiência que tive e do que me fui apercebendo, quem passa de carro não tem tempo para apreciar a obra. O que também é bom, porque suscita curiosidade. Esta intervenção obriga as pessoas a irem olhar de perto, a pararem o carro e a aproximarem-se. Obriga-as a uma visita.”



FREGUESIA Concelho:
MIRANDA DO DOURO

Localização:
Rua da Indústria,
Palaçoulo

GPS:
Latitude 41.45425
Longitude -6.44266



Pauliteiros, Miguel Schreck, posto de transformação EDP Distribuição de Palaçoulo, 2016.

A gente nem repara, não compreende muito bem. É um desenho de sapatos?
Manuel Martins, 80 anos, reformado.

16

L Gueiteiro Eilectrico

Autoria:
Pedro Almeida

O poder do conceito desta obra, dissemo-lo no texto da intervenção artística anterior a esta (sinopse nº 15), reside na ideia de díptico. A possibilidade de pensarmos *L Gueiteiro Eilectrico*, de Pedro Almeida, e *Pauliteiros*, de Miguel Schreck, em conjunto – uma como o espelho da outra, apesar de estarem em locais diferentes – dota-as de uma carga semântica plena. Em *L Gueiteiro Eilectrico*, situada no posto de transformação (PT) da EDP Distribuição em Duas Igrejas, Pedro Almeida quis contrariar o óbvio. “Optei por um PT na aldeia onde estou a morar atualmente. Tem uma grande tradição de pauliteiros e de rancho folclórico. Portanto, se dissesse que ia pintar pauliteiros, diziam logo que sim. E já há, na terra, uma escultura de pauliteiros”, explica Pedro Almeida. Optou pelo gaitero, uma figura-chave nas festas e romarias da região. “É tão importante como o padre. Sem gaiteros não há festa. Eles tocam o repertório religioso e o profano”, continua.

“As comissões de festas contratam sempre um grupo de gaiteros: eles fazem a alvorada, às seis da manhã, a anunciar as festividades, fazem o peditório pela aldeia a pedir dinheiro para o santo, alguns tocam na igreja, todos tocam na procissão. E depois há ainda o baile e a passagem da mordomia. Até para os pauliteiros poderem dançar é preciso um gaitero.” A passagem da mordomia é a ação em que se define a comissão de festas do ano seguinte.

“Duas Igrejas foi, de facto, a primeira a ter grupos de pauliteiros a irem para fora, a representarem a arte fora da região”, argumenta Pedro Almeida. “Mas também há gaiteros. As pessoas depois viram e gostaram do resultado.”

Junto à Estrada Nacional 221, que atravessa a povoação, o PT está pintado de amarelo-torrado e o gaitero de castanho, ambos tons de terra. Ao lado, estende-se uma enorme quantidade de terra lavrada. Na face que dá para esse terreno, está desenhado o gaitero, gaita de foles ao ombro, a tocar. Na perna direita, tem uma ficha da qual sai um fio. Acompanhamos o fio com o olhar e seguimo-lo até à outra face, a que dá para a estrada, e que desemboca numa coluna de som. “Este ligar à tomada tem que ver com um *upgrade*. Quis relacionar a componente tradicional da arte de tocar gaita de foles



com a contemporaneidade. E dar, também, uma ideia de mundo digital. Até porque muito do repertório que o gaitero toca é o que ouvia na rádio. Aliás, os miúdos que hoje em dia tocam gaita interpretam temas como o *Despacito* ou músicas dos Xutos [e Pontapés].”

A coluna representa também a ideia de projeção de som, uma vez que a gaita de foles é um instrumento que foi concebido para tocar na rua, em arruada. “Até há poucos anos, estava conotada como coisa de velhos e tinha má fama – era considerada uma atividade de borra-chões. Mas houve entre tanto uma reforma, os miúdos já aprendem a tocar na escola.” Para isso, foi importante o trabalho das associações locais que, há 10, 15 anos, padronizaram o ponteiro e afinaram-no de forma que fosse possível ser tocado com outros instrumentos, além do trabalho assertivo de promoção e divulgação desta arte que fizeram em eventos e festivais.



FREGUESIA Concelho:
MIRANDA DO DOURO

Localização:
EN 221, Duas Igrejas

GPS:
Latitude 41.4733
Longitude -6.34801



L Gueiteiro Eilectrico, Pedro Almeida, posto de transformação EDP Distribuição de Duas Igrejas, 2016.

Acho que é muito bom para a terra haver este tipo de iniciativas. Esta do gaitero está um espetáculo. Se quiserem vir pintar a fachada aqui da associação, posso falar com os associados.

André Alves, 50 anos, Café Associação dos Pauliteiros de Duas Igrejas.

17

Simblos mirandeses: Is bie-lhos i Is nuobos

Autoria:

Lérias — Associação Cultural, c/ alunos da Escola de Artes da Lérias

Foi-lhes pedido que juntassem elementos tradicionais, próprios da cultura mirandesa, com componentes identitárias da modernidade. Dos 6 aos 15 anos, os alunos da Escola de Artes da Lérias, a associação local escolhida para ser parceira no terreno do Arte Pública fundação edp — Voltagem em Miranda do Douro, criaram *stencils* que foram depois pintados a *spray* na Rua do Mercado, mas também no Largo da Moagem e na Rua 25 de Abril.

“Fizemos, no Museu da Terra de Miranda, uma assembleia júnior, digamos assim. Reunimo-nos com os alunos e pedimos que associassem tradição e modernidade para uma série de tópicos, como a arquitetura ou o vestuário”, refere Miguel Schreck um dos artistas do núcleo do Voltagem em Miranda do Douro e um dos membros da Lérias.

A Rua do Mercado é uma rua com arcadas nos edifícios dos dois lados da via, repletas de todo o tipo de lojas que muitas vezes debruçam as mercadorias que têm para vender além-porta, ocupando o espaço público das arcadas e promovendo a proximidade do comércio à semelhança de um mercado a céu aberto. Há lojas de cutelaria — uma indústria forte na região —, há lojas de cobertores e lençóis, há lojas de móveis. Nas caixas elétricas ao longo da rua, vemos apontamentos de cores diversas. São os *stencils* aplicados pelos alunos da associação Lérias. A caixa elétrica nº 2444 está pintada de vermelho e, a amarelo, tem desenhada uma guitarra pontiaguda típica do *hard rock* — elemento moderno — cujo braço é a flauta da gaita de foles — elemento tradicional. A caixa nº 2243 está pintada de amarelo e tem duas vacas — ou serão touros? —, uma azul e outra preta, que têm cara de bacalhau. Já a caixa nº 1826 é azul e tem representada uma televisão, com uma lareira dentro. “Nunca tinha feito *stencils*, foi muito engraçado”, conta Helena Rodrigues, 15 anos, aluna que participou na intervenção. “Demos ideias para os *stencils*, o professor desenhou-as e recortou os moldes e nós pintámos. Sinto orgulho, deu trabalho, é a nossa marca.”

Em relação à caixa elétrica nº 0439, é necessária uma explicação prévia, uma contextualização. Em Miranda do Douro, existe a lenda do menino Jesus da Cartolinha. Rezam duas versões: a primeira conta que, durante o cerco espanhol a Miranda, houve um jovem a gritar pelas ruas a incitar à revolta, dando forças à população para combater e vencer os espanhóis; a segunda diz que, durante esse cerco, houve um jovem oficial morto em combate e a noiva decidiu doar a sua farda ao menino Jesus. Num dos altares da Sé Catedral de Miranda, pode ver-se um menino Jesus vestido de farda e uma cartola na cabeça. A caixa nº 0439 tem representado um menino Jesus da Cartolinha a escrever num computador.

Os *stencils* foram colocados em dois dias diferentes. “A rua reagiu de forma fantástica. Até a GNR se apercebeu do que se estava a passar e não levantou problemas”, conta Miguel Schreck. “Da segunda vez que fomos pintar, havia mais falatório. Até pessoas mais velhas puseram luvas e máscaras e pintaram.”



FREGUESIA Concelho:
MIRANDA DO DOURO

Localização:
Rua do Mercado,
Largo da Moagem,
Rua 25 de Abril

GPS:
Latitude 41.49806
Longitude -6.27205



Simblos mirandeses: Is bie-lhos i Is nuobos, Lérias Associação Cultural, caixas EDP Distribuição de Miranda do Douro, 2016.

Convidaram-me para fazer desenhos de graffiti e achei que foi uma experiência boa. Nunca tinha trabalhado nisto, foi divertido. Até lá foram os polícias perguntar se tínhamos licença.

João Rodrigues, 11 anos, estudante.

18

Por i

Autoria:
Fernando José Pereira

Por i tem sentidos vários, em mirandês. Pode querer dizer “por aí”, “aí perto”, pode querer dizer “no entanto” e pode até querer dizer “se calhar até dá”. É também o título da instalação de vídeo da autoria de Fernando José Pereira, que acumula a função de coordenador artístico do Arte Pública fundação edp – Voltagem no núcleo de Miranda do Douro.

A primeira coisa de que nos lembramos assim que olhamos para esta instalação de Fernando José Pereira, cujo vídeo de 43 minutos se encontra repartido em seis partes, exibidas em televisores colocados em diversos locais da cidade, é do filme *Stalker*, do realizador russo Andrei Tarkovsky. “Completamente. É uma referência direta. O *Stalker* é o meu filme preferido dele”, assume Fernando José Pereira. “Toda a escola de Tarkovsky, a pesquisa da relação que a arte tem com o tempo. Não havendo tempo para a arte, não há tempo para pensar. Em Tarkovsky, o corte no plano faz-se quando o tempo o disser, numa

cisão clara com a escola de montagem da vanguarda russa dos anos 20.”

Ao dividir o filme *Por i* por partes, exibidas em diferentes locais, Fernando José Pereira conferiu-lhe a liberdade de um percurso. “Embora não tivesse pintado paredes em Miranda, esta peça teve uma relação muito mais íntima com as pessoas, porque tivemos de negociar com elas. E correu muito bem”, conta. “O dono do Café Cristal é filho de alguém que esteve ligado à cidade e à construção da barragem [em 1961]. Disse: «Quero o filme todo. A única altura em que não estiver a passar será quando houver jogos de futebol. De resto, passará sempre.»” O Café Cristal, que ia passar a parte 5 do filme, acabou por passá-lo na íntegra. “As pessoas tinham orgulho em ter aquilo no sítio a passar. A senhora da loja de pronto a vestir, íamos já fazer outra coisa, veio atrás de nós a dizer «a televisão não está a funcionar!».” O vídeo foi também exibido na sua totalidade durante a exposição que decorreu no verão de 2017 intitulada *Voltagem: às voltas com a(s) memória(s) na antiga cadeia de Miranda*.

Os planos do filme cristalizam a dualidade natureza/cultura vivida em Picote, uma freguesia de Miranda do Douro onde foi erguida em 1958 uma barragem e cujo

aldeamento feito na altura para os funcionários – Barrocal do Douro – é um exemplo máximo de arquitetura modernista no País. Encontra-se desabitado. “Há lá uma pouxada impecavelmente recuperada, mas está morta, as senhoras que lá trabalham estão em tédio absoluto, como se estivessem à espera de Godot. Depois há um outro lado fascinante, o da natureza a penetrar naquelas ruínas, as silvas a saírem pelas fendas das paredes. Trata-se de um contraste absoluto entre ruína e preservação. Não há ninguém no filme, mas ouvem-se passos, em planos a negro; sente-se a presença do homem apenas através do som.”

A banda sonora do filme ficou a cargo do projecto Haarvöl, que solicitou a colaboração de Ricardo Santos, membro da Lérias – Associação Cultural e autor da instalação sonora *Game of Drones* (vide sinopse nº 14). “Fizemos primeiro uma gravação”, conta o músico que toca gaita de foles. “E ficaram bastante curiosos com o som do ronco. Eles trabalham muito com manipulação sonora e manipularam o som do ronco.”



FREGUESIA Concelho:
MIRANDA DO DOURO

Localização:
[vários]

GPS:
Latitude 41.494331
Longitude -6.274302

Parte 1:
Museu da Terra de Miranda,
Largo D. João III
Parte 2:
Loja de pronto a vestir Ana
Teixeira, R. Mouzinho

de Albuquerque
Parte 3:
Casa da Música Mirandesa,
Largo do Castelo
Parte 4:
Posto de Turismo, R. 1º de Maio

Parte 5:
Café Cristal, R. 25 de Abril
Parte 6:
Cais de embarque fluvial



Este vídeo [Por i] alia os ícones tradicionais à modernidade. É bom que se faça uma nova abordagem às coisas, que se dê uma nova roupagem.

Celina Bárbaro Pinto, 42 anos, diretora do Museu da Terra de Miranda.

Por i, Fernando José Pereira, Miranda do Douro, 2016.

19

You=Eu

Autoria:
R2 Design

Quando foram convidados a participar, acharam logo o projeto muito interessante, pelo facto de poderem trabalhar o território através da língua e do texto. Lizá Ramalho e Artur Rebelo – a R2 Design – estudaram a cultura local, pesquisaram acerca do mirandês e aperceberam-se de que se tratava de uma língua de tradição essencialmente oral, com algumas publicações sobre a mesma a surgirem nos anos 90. Na estrutura da barragem de Miranda do Douro, no sopé do monte onde fica situada a cidade, foram desenhadas letras de cerca de oito metros – cada uma a ocupar o quadro formado entre cada duas colunas que sobressaem da estrutura de betão.

“Os conteúdos e a relação do desenho com as letras são muito fortes. Essa é muito a nossa abordagem. Estivemos a ler textos, a ouvir música, a mergulhar na cultura local e a perceber a língua”, conta Lizá Ramalho. “Interessou-nos mergulhar no mirandês. Analisámos o dicionário, como ponto de partida, e, quando chegámos à letra y, apercebemo-nos de

que «you» em mirandês significa «eu», em português. E que se escreve como em inglês. Isto na altura em que estava a discutir-se o Brexit no Reino Unido. O you, o eu, sugere uma relação com o outro.”



Miranda do Douro situa-se numa zona de fronteira, entre Portugal e o resto do mundo. “Fazia todo o sentido, tendo em conta este conjunto de coincidências. Desenvolvemos uma espécie de *slogan*, «you igual a eu», que tem várias leituras: «eu» pode ser também a sigla da União Europeia em inglês. Usando algo que é muito local, estamos a evocar e a falar a outro nível.”



As letras foram desenhadas especificamente para aquele lugar, advêm do espaço em que se inserem. O ponto em que nos colocamos para olhar estas letras, pintadas a branco sobre o cinzento acastanhado do betão, que no

total perfazem a expressão “You=Eu”, influencia bastante a percepção e a interpretação desta obra de arte pública da R2 Design. Se viermos do lado de Espanha, antes de atravessarmos a ponte sobre o rio temos a placa azul com a palavra Portugal rodeada de estrelas a introduzir-nos o mote. Se nos aproximarmos demasiado e olharmos para a superfície enorme colocados na diagonal, as letras tornam-se disformes e abstratas. “A ideia era a de decifrar o enigma, proporcionar várias leituras. De frente, tem uma determinada leitura; se viermos do lado de Portugal, as letras tornam-se deformadas e só lemos algumas”, explicita Lizá Ramalho. “Convida a decifrar, como nós fizemos com o mirandês. É o que fazemos quando entramos num novo território. É essa a beleza de diferentes culturas se reunirem, a da descoberta, a do diálogo.”

A R2 Design não queria que a obra fosse intrusiva. “Pintámos as letras de branco, um branco que não tapa completamente o fundo. Não queríamos que fosse uma camada artificial, não só ao nível da forma como também do conteúdo”, refere Lizá Ramalho. “Não quisemos vir de fora e impor-nos. Quisemos dialogar, quisemos compreender. Quisemos dar um contributo.”

FREGUESIA Concelho:
MIRANDA DO DOURO

Localização:
Barragem de Miranda do Douro, EN 218

GPS:
Latitude 41.48916
Longitude -6.2651



You=Eu, R2 Design, Miranda do Douro, 2017.

Voltagem é um projeto de arte urbana num território rural onde a fundação edp mantém essa luz sempre presente.

Artur Nunes, 50 anos, presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro.

20

Cartazes You=Eu

Autoria:
R2 Design



Estes são cartazes que pretendem fazer uma chamada de atenção. Não remetem para um local, nem para uma data, mas pretendem-se propaganda para a existência de uma intervenção artística no espaço público em Miranda do Douro (vide sinopse nº 19), de modo a convocar as pessoas a uma curiosidade e a uma procura. Os cartazes – feitos pela R2 Design – evocam cada um uma letra que, colocados lado a lado, formam ora a palavra “you”, “eu” em mirandês e “tu” em inglês, ora a palavra “eu”. Foram colocados na parede da cadeia de Miranda, na empena ao lado da biblioteca e num miradouro a chegar à barragem, na Estrada Nacional 218.

“No início, os cartazes eram de um rosa fluorescente. A ideia era chama-

rem muito a atenção de quem passa, com efeito de propaganda, apesar de não terem referências a locais ou datas.” O carácter efêmero do papel, deixado na rua e por isso sujeito às diversas condições climáticas que se fazem sentir ao longo do ano, tornou esse rosa num rosa esbatido. “Interessamos também muito trabalhar os materiais e a sua relação com o tempo. Com o passar dos dias e dos meses, vai ficando apenas o preto, que está na base.” A ação humana é outro dos fatores a moldar a vida de uma obra que ocupa o espaço público. Há cartazes com pontas rasgadas, há *graffiti* desenhados na mesma parede – tudo a dar contexto ao que é percebido pelo espectador. Quando nos aproximamos dos cartazes, percebemos que a composição é formada por quadrados, uns são fotografias, outros excertos de um dicionário de mirandês. No miradouro a caminho da barragem, feito de uma pala de cimento a fazer de abrigo, os lados interior e exterior das duas paredes laterais foram usados para fazer um jogo de linguagem. Se viermos de baixo, lemos duas vezes “you”; se viermos de cima, “eu”.

As assembleias para apresentação das obras junto da comunidade local decorreram no salão nobre da Câmara Municipal de Miranda do Douro.

“Foi incrível defender, perante um público tão vasto e que não era quem nos encomendava a obra, o nosso trabalho”, refere Lizá Ramalho, da R2 Design. “Foi muito interessante, as reações foram extremamente positivas, acho que pelo facto de trabalharmos com a língua mirandesa, de a escrevermos. Houve pessoas de várias faixas etárias, todas muito interessadas e a tentar participar. Notou-se que ficaram sensibilizadas.”

Lizá Ramalho diz ainda que foi daqueles projetos em que tudo fluiu de forma tão natural que se encaixava e fazia sentido, desde a escolha dos locais às descobertas que a dupla ia fazendo na pesquisa que encetou para desenvolver o trabalho. “Há este tipo de coincidências. A criatividade tem, de facto, esse lado fantástico, em que tudo faz sentido. Este foi um dos projetos em que isso aconteceu”, explica Lizá Ramalho. “As entidades a promoverem bem o projeto, existir em Miranda do Douro uma outra língua e nós gostarmos de trabalhar com a língua... começou logo bem, só podia ter corrido bem.”



FREGUESIA Concelho:
MIRANDA DO DOURO

Localização:
Parede da cadeia de Miranda, empena ao lado da biblioteca e miradouro junto à barragem (EN 218)

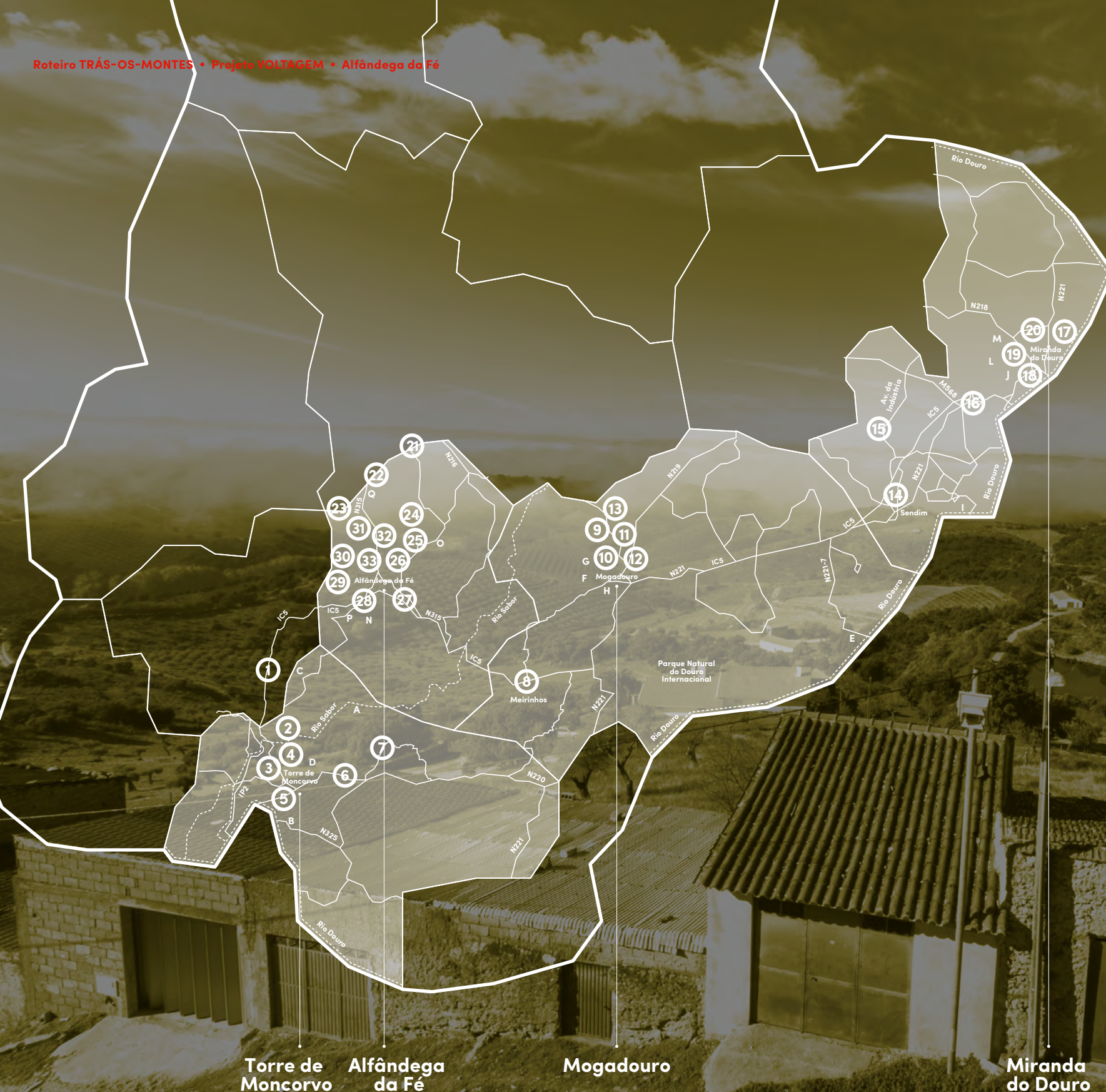
GPS:
Latitude 41.49269
Longitude -6.27452



You=Eu (detalhe), R2 Design, Miranda do Douro, 2017.

Dá uma cor nova, uma nova cara. Acho que deixa a cidade mais bonita e atrai mais as pessoas.

Leonor Pimentel, 14 anos, estudante.



Alfândega da Fé

- 21 MATÉRIA PRIMA, Draw, Godmess, Hazul
- 22 MATURAÇÃO, Godmess
- 23 FRANCEL E MACHADO, Draw
- 24 FÉNIX, Draw, Godmess
- 25 TÉTIS, Draw, Hazul
- 26 TOTEM, Hazul
- 27 SEMIO, Hazul (c/ Universidade Sénior)
- 28 LINES, LINES, LINES,
Draw (c/ Universidade Sénior)
- 29 TEMPO, Godmess, Hazul
- 30 SARAU, Hazul
- 31 OLIVA, Hazul
- 32 O TEU FUTURO SERÁ COMO TU FIZERES!,
Godmess (c/ alunos EB2/3 de Alfândega da Fé)
- 33 FUTURAMOS, Godmess

img © Rute Ferraz, Alfândega da Fé, 2016.

Torre de
Moncorvo

Alfândega
da Fé

Mogadouro

Miranda
do Douro

Alfândega da Fé

Parceiro:

Rede Inducar

Facebook:

voltagemtmad

“A arte tem percepções diferentes, depende dos lugares. A valorização da arte urbana em zonas rurais não é feita da mesma forma que na cidade”, começa por frisar a presidente da Câmara de Alfândega da Fé, Berta Nunes. “Na cidade, está conotada à rebeldia. Aqui, no campo, tem de ser encarada como forma de inclusão, de espaço comum. Aqui, está ligada a dois conceitos: estética e participação.”



Chegar a Alfândega da Fé numa tarde de verão, já a puxar para o final do dia, é lidar com o silêncio da vila, o silêncio do descanso após uma jornada de trabalho, em que as pessoas aproveitaram para se sentar num café ou numa esplanada.

Algumas limitam-se a estar à ombreira da porta, ao fresco. À semelhança de qualquer meio rural. Dando uma primeira volta por Alfândega da Fé, percebe-se o que Berta Nunes quer dizer com a ideia de integrar o novo – as intervenções de arte pública ditas urbanas – nas identidades locais. Os murais e os postos de transformação (PT) da EDP Distribuição customizados pelos *street artists* Draw, Godmess e Hazul encontram-se integrados na paisagem; não são dissonantes. Eles ajudam à harmonia do todo, como se sempre tivessem estado ali. Estas obras conferiram-se a elas próprias uma sensação de pertença.



Como em todos os núcleos do Arte Pública fundação edp, foram promovidas assembleias prévias, junto da comunidade, para debater e chegar a conclusões quanto aos temas a serem trabalhados pelos artistas. “Foi um processo muito orgânico. Na primeira assembleia, foi logo explicado às pessoas do que tratava o projeto. Foi tudo muito fluido, as pessoas trouxeram logo sugestões”, conta Ana Margarida Duque Dias, chefe de gabinete da câmara para as áreas da cultura e do

turismo e também responsável pela Casa da Cultura Mestre José Rodrigues, cujo edifício é da autoria do arquiteto Alcino Soutinho. A imponente do centro cultural, a par da capela ao fundo e de alguns cafés, ajuda a compor o Largo de São Sebastião como um dos principais polos de convívio da vila.



“A dona Laurindinha mostrou logo a francela”, continua Ana Margarida Duque Dias, referindo-se a um instrumento que é usado para fazer queijo artesanal. Além de bons queijos, cuja arte de fabrico começa a ser revitalizada, o concelho vive muito da agricultura – da apanha da castanha, da cereja e da azeitona – e da pastorícia. A cortiça é também uma fonte de rendimento relevante.

“O novo está sempre a ser integrado, principalmente pelas novas formas de ver dos mais jovens, através da Internet, da televisão, através do ensino”, refere Berta Nunes. “Isto não é uma comunidade fossilizada, parada no tempo. Por vezes, as pessoas pensam que é uma localidade parada há 50 anos. Não há nada de mais falso. Há renovação, há integração.”



Tanto a Universidade Sénior como o Agrupamento de Escolas de Alfândega da Fé, que vai do ensino pré-escolar ao 3º ciclo, participaram nas obras de arte pública feitas no concelho. Draw, Godmess e Hazul usaram a ideia de tempo como conceito de base para trabalhem as propostas feitas durante as assembleias. “Visitámos a zona antes das assembleias, para definirmos alguns espaços que achássemos ideais. Foi importante para que conseguíssemos chegar ao conceito”, explica Godmess. “Sentimos que Alfândega da Fé é um local um bocado descaracterizado, inclusive em termos históricos. É um local de passagem”, continua. “Ao mesmo tempo, a população é envelhecida. O tempo – e a passagem do tempo – preocupa estas pessoas. Foi por este ponto que nos guiámos para as ouvirmos. Até foi mais desafiante desta forma. Foi bom sentir que as pessoas se sentiam parte do projeto. Criámos em conjunto, com elas.” A seguir a cada assembleia, iam para casa trazer essas ideias em desenhos para no dia seguinte irem pintar. Foi assim com Draw e Godmess. Por uma questão de agenda,

Hazul apenas conseguiu juntar-se ao processo mais tarde, após as assembleias. Entre eles, definiram que Draw trabalharia a ideia de presente, Godmess a de futuro e Hazul a de passado. “Como a linguagem deles é o mural, a pintura, dividiram o trabalho pelos três tempos e fizeram uma proposta de identidade para a terra a partir daí”, refere Patrícia Costa, da Rede Inducar, a parceira no terreno para a produção do Arte Pública fundação edp nos quatro núcleos de Trás-os-Montes, aos quais foi dado o nome de Voltagem.



Em termos de identidade, o único monumento histórico que a vila tem é a Torre do Relógio, um edifício envolto em indefinições quanto à sua origem e função, e que – também por isso – motivou os artistas a usarem o tempo e a passagem do tempo como ponto aglomerador de todo o processo criativo. “«Fizeram coisas tão bonitas à beira da Torre, façam mais!» Era este o tipo de abordagens que a população fazia aos artistas”, refere Diogo Rego, que documentou em vídeo todo o processo para o Arte Pública fundação edp – Voltagem. “Em Vales, queriam dar-lhes de comer a toda a hora.” Ao que Rute

Ferraz, a fotógrafa de serviço, complementa: “Havia um senhor que já pegava nas latas e tudo.” A parte da experiência que Rute achou mais gratificante foi quando lhe ofereciam uma chávena de chá; sentia que era sinal de que estava a fazer o seu trabalho bem. Diogo Rego conta ainda que o “Camilo bombeiro” se virou para Godmess com uma proposta curiosa. “Não queres desenhar umas chaves de fendas na minha carrinha?” Ao que Godmess respondeu: “Faço, claro.” E desenhou duas ferramentas cruzadas.

“Nunca tinha estado numa situação destas. Estes meios não são tão urbanos, mas também não são assim tão rurais. Há uma massa crítica. Em Vales, estiveram 26 pessoas nas assembleias”, confessa Draw. “Acabas por te envolver mais com essas pessoas. Conhece-las uma a uma. No Porto, na cidade, és apenas mais uma pessoa a pintar. Vêm falar contigo, mas é uma coisa fugaz.” Draw fala da existência de uma química diferente para com este tipo de público. “Em Vales, por exemplo. Como sabem que estás a fazer uma coisa especificamente para elas, tratam das obras e tratam de ti. Ao fim de dois dias, já és da casa.”



Envolvimento comunitário, Alfândega da Fé, 2016.

Draw (1988)



Membro do coletivo RUA, Frederico Draw usa as latas de *spray* como se fossem lápis com que faz esboços de rostos de pessoas, normalmente anónimas. Nas suas palavras, a ideia é conferir uma carga de lirismo ao sujeito representado, o que faz com que cada parede se assemelhe a um bloco de esboços. Draw é também diretor artístico do coletivo PUTRICA (Propostas Urbanas Temporárias de Reabilitação e Intervenção Cultural e Artística), que vê na arte urbana uma forma de mudar os espaços vazios da cidade, conferindo-lhes novos valores artísticos e culturais.

Godmess (1988)



Tiago Godmess é um artista multidisciplinar vocacionado para as áreas de ilustração, *design* gráfico, pintura, escultura, instalação e arte urbana. Conceptualmente, o seu trabalho tem muito que ver com a representação de pessoas – com histórias, com momentos. Refere-se muitas vezes a eles como um diário visual. O seu trabalho encontra-se dividido em duas vertentes: o vermelho e as personagens; e os amarelos, os verdes e os turquesas – mais poéticos.

Hazul (1981)



Faz parte da primeira geração de *graffiti*ers do Porto. Não tem formação académica, começou a pintar na rua em 1997, com 16 anos, e a inspiração advém-lhe de interesses como os arquétipos egípcios, celtas, simbologia universal, decifrações antigas – símbolos que perduram ao longo do tempo. Explora elementos naturais, vegetais, geometrias básicas, a figura humana, feminina. E tem uma paixão por cristais, que se encontram sempre representados no seu trabalho.



21

Matéria Prima

Autoria:
Draw, Godmess, Hazul

“Está um serviço bem feito”, dizia uma senhora dos seus 60 e muitos a passar apressada em frente ao mural desenhado no posto de transformação (PT) da EDP Distribuição na Avenida Principal de Gebelim, sem dar tempo a que se lhe perguntasse o nome. Um pouco mais à frente, na mesma rua – que de avenida tem pouco, visto estarmos numa aldeia com cerca de 150 habitantes – reúnem-se duas ou três pessoas, todas elas idosas, sentadas em bancos improvisados no exterior. O presidente da União das Freguesias de Gebelim e Soeima encontra-se junto delas. Está uma manhã de domingo soalheira. “Estas iniciativas são sempre saudáveis. Estamos numa aldeia, numa zona desfavorecida”, conta Hélio Aires. E depressa o jovem presidente emenda o que acabou de dizer: “Não gosto de chamá-la assim. Na verdade, temos tudo.”

Os jovens saem para o litoral ou para o estrangeiro, a zona vive da castanha, da azeitona ou da madeira. Esta área do



concelho de Alfândega da Fé fica na zona a norte, mais montanhosa, e as estradas em constante curva e contracurva não facilitam o acesso. “Podia dinamizar-se mais o turismo, gostávamos de explorar as casas da floresta [dos antigos guardas-florestais].”

Junto ao PT, no outro lado da rua, há um muro e, no passeio, há um banco de jardim. Nas duas faces laterais do PT, Draw, Godmess e Hazul fizeram uma intervenção a seis mãos. De um lado, está pintada uma mão a segurar um cristal, que se encontra sobre uma mancha de amarelo e apontamentos vermelhos. Do outro, também uma mão a segurar um cristal, mas sobre azul. Um, o fogo. O outro, a água.

“Eu decidi fazer um cristal de cada lado. Gebelim tem uma história de extração de pedras, havia uma que tinha aquele tipo de textura”, explica Hazul. “Como eu desenho cristais com frequência – que representam para mim pureza, equilíbrio e harmonia –, optei por fazer esse símbolo, ligado à história daquele local.” Hazul desenhóu os cristais, Draw, as mãos, e Godmess, os elementos do fogo e da água.

“Foi a assembleia que teve mais gente, mas foi das mais difíceis – pela descaracterização”, refere Godmess. “As referências são praticamente iguais às dos outros sítios. O elemento de diferenciação que encontramos foi o forno da cal. Existe pedra calcária naquela zona, com algum poder histórico.” Traduzindo traços específicos do trabalho de cada um dos três *street artists*, o mural no PT faz referência à pedra calcária e ao método de trabalho utilizado para a explorar. Godmess fez também o logótipo da nova Casa da Cultura de Gebelim. Diz ter contribuído para que os artistas se sentissem mais interligados àquele local e àqueles gentes.

“As pessoas foram muito participativas, falaram do passado delas, do que faziam antigamente. Falaram do forno da cal, da castanha, da água”, confirma o presidente da União das Freguesias, Hélio Aires. “Aqui há muita água, pena não haver barragem.” Começa a levantar vento, as folhas de árvore secas rodopiam pela estrada feita de calçada. As nuvens começam a tapar o azul do céu. “Vem aí chuva.”



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Avenida Principal,
Gebelim

GPS:
Latitude 41.44403
Longitude -6.93013



O forno da cal tem muito que se lhe diga. Arrancava-se a pedra, queimava-se a cal. Ainda andei lá, antes de ir para a tropa. Acho que a cabina [PT] parecia uma coisa morta e agora é uma coisa viva.

Teodoro Amador Morais, 77 anos, reformado.

Matéria Prima, Draw, Godmess e Hazul, Gebelim, 2016.

22

Matura- ção

Autoria:
Godmess

“Foi a primeira assembleia que fizemos, o tema tinha por base a produção de castanha. É desde sempre o ganha-pão das gentes de Sambade”, conta Godmess. “O que está retratado no posto de transformação (PT) da EDP Distribuição é uma recolha do que as pessoas foram dizendo. O alerta ecológico, por exemplo. Hoje já só se consegue plantar castanheiros a partir de um certo nível por causa do aquecimento global. Já só é possível ter castanheiros na serra, porque é uma árvore que precisa de muito frio.” O aquecimento global fez com que nos últimos anos a plantação do castanheiro subisse uma média de 200 metros de altitude.

“Por isso, desenhei um castanheiro sem folha, desenhei um agricultor de castanheiro com uma moeda na mão – uma vez que a castanha reflete dinheiro”, explica Godmess. O PT fica junto a uma bifurcação. Uma das estradas atravessa a localidade e vai dar a Alfândega da Fé. A outra intersecta a principal e forma uma

rua paralela, num plano mais elevado. Há moradias de um lado e do outro e a rua é feita de calçada.

Numa das faces do PT, Godmess desenhou a evolução da castanha em três etapas, desde o ouriço ao fruto, já na fase de desenvolvimento final. O ouriço é a cápsula de picos que protege o fruto enquanto ele cresce. Quando chega o outono, o ouriço abre e deixa cair a castanha no chão. Na parede, em cima, o ouriço está pintado a verde. No desenho do meio, o fruto está amarelado. E o de baixo encontra-se já castanho, maduro. Os três estão rodeados por folhas do castanheiro. Os tons de verde das folhas pintadas na parede fazem pandá com a relva que enfeita o terreno em declive onde o PT está situado. Algumas ervas daninhas crescem da relva, como se sugassem a força da relva para crescerem.



Em duas das faces do PT, Godmess pintou um jovem agricultor: olha para o horizonte e tem a Lua em quarto minguante por trás das costas, no canto superior direito. Segura na mão algo redondo, uma mistura de verdes e azuis, com espigas e um núcleo a amarelo, que pode significar ouro.



Godmess revela que é uma moeda. A castanha é o sustento principal da população de Sambade. “Só tínhamos dois jovens na assembleia. Um deles era um agricultor, que tinha uma perspectiva muito própria sobre a cultura da castanha, defendendo a sua continuidade”, continua Godmess. “Essa imagem é uma referência direta a ele, para nos dar uma perspectiva de futuro.”

Na quarta face do PT, está o lado oposto ao da esperança, uma árvore sem folhas, pintada de preto, só ramos secos a contaminarem a paisagem e a esgueirarem-se para as outras faces. Alguns troncos estão partidos e encontram-se a cair, como flocos de neve feitos de carvão. Outros invadem a camisa verde do agricultor, conferindo ao jovem agricultor um caráter de resiliência. Apesar das dificuldades, a castanha é a produção que dá mais dinheiro no concelho. Ao lado do PT, na relva, estão plantadas duas roseiras. Os botões a nascer são cor-de-rosa.



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Rua 25 de Dezembro,
Sambade

GPS:
Latitude 41.40835
Longitude -6.97143



Maturação, Godmess, Sambade, 2016.

Os artistas tiveram o cuidado de irem mostrando o que estavam a criar. Houve um consentimento por parte da população.

Diamantino Mário Lopes, 56 anos, presidente da União das Freguesias de Pombal e Vales.

23

Francela e Machado

Autoria:
Draw

“Ó Fred, não quero que se vejam os olhos. E o do outro lado é o meu marido.” Laurinda Rodrigues tem o posto de transformação (PT) da EDP Distribuição a entrar-lhe praticamente pelo quintal da moradia de dois andares onde vive com o marido. Por isso, para retratar dois ofícios típicos da aldeia de Vales, Alfândega da Fé, fez sentido para Frederico Draw utilizar a dona Laurinda e o esposo como modelos das pessoas que retratou em duas das faces do PT que fica na Rua Principal da aldeia. “Os meus filhos também gostaram muito, já tinham visto no jornal. Vão ficar aqui comigo para sempre.”

Estes ofícios foram mencionados ao artista urbano durante a primeira assembleia tida com a população, na qual se inteirou dos temas que interessavam retratar. A produção de queijo e a tiragem de cortiça foram dois deles. A france-la é um instrumento que ajuda a fazer queijo, permitindo que o soro da coalhada escorra. A dona Laurinda chegou a fazer

mais de cem queijos por mês, no inverno. Hoje, já abrandou bastante o ritmo, tem 66 anos. A filha da dona Laurinda, que vive na Alemanha, foi elucidada pelo filho enquanto viam a reportagem sobre o Arte Pública fundação edp – Voltagem na televisão: “Ó mamã, não vês que é onde a avó faz o queijo?” Já o machado, do senhor João, é o instrumento utilizado para tirar a cortiça das árvores, outra das fontes de rendimento da aldeia e do concelho.



“Depois da assembleia, fui dar uma volta pela aldeia, fui conhecer as pessoas quase uma a uma. Havia umas que estavam a secar frutos”, refere Draw. A média de idades em Vales é de 75 anos, existem apenas duas crianças na aldeia e são irmãs. A terceira pessoa mais nova da localidade é a mãe delas. “Impressionou-me um bocado, era um contexto de Portugal a que não estava tão habituado. Não há uma loja, nem um café.” Há uma carrinha que passa todos os dias pela aldeia para vender pão e outra que passa de dois em dois dias com produtos de mercearia.

“O PT estava naquela casa. Mas não lhes faço o rosto”, refere-se Draw a dona Laurinda e ao senhor João. E explica porquê: “Quando trabalhas para uma comunidade – estou habituado a trabalhar em bairros sociais, por exemplo –, se retratas uma pessoa específica, dá raia. E não queria que fossem as pessoas a serem representadas. Estava interessado, sim, no que faziam. Queria trabalhar atividades da aldeia que estivessem ainda ativas. Das que vi, o queijo e a cortiça foram as que mais me interessaram.”

A proximidade criada com a dona Laurinda e o marido foi inevitável. “Já sabia como se abria o portão, emprestaram-me material, deram-me bebidas. Parecia que estava a fazer um trabalho privado”, relata Draw. Chegou a ficar a pintar até às duas da manhã. “Uma vez, caiu-lhe uma lata de tinta, ficou aflito, e eu disse-lhe «deixe lá isso, pinta-se outra vez»”, conta por sua vez a dona Laurinda. “Eu costumava levar-lhe uma cerveja, um bolinho, um queijinho. A dona Emília, a vizinha, fazia o mesmo.”



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Rua Principal,
Vales

GPS:
Latitude 41.39187
Longitude -6.99692



Francela e Machado, Draw, Vales, 2016.

Na primeira assembleia, perguntaram-me se ainda tinha este objeto [francela]. Encantaram-se logo com a «guitarra». Vieram logo cá a casa vê-lo.

Laurinda Jesus Rodrigues, 66 anos, doméstica.

24

Fénix

Autoria:

Draw, Godmess

“Está mal, desenharem aqui uma águia”, disse um senhor, que era adepto do Futebol Clube do Porto. Não se trata de uma águia, mas sim de uma fénix, símbolo mundial dos bombeiros e que se encontra pintada na torre do quartel dos bombeiros de Alfândega da Fé. “Uma pessoa está a pintar um pássaro vermelho e é logo conotado ao Benfica. Tive de explicar que era uma fénix”, clarifica Draw. “Fazia sentido desenhar algo ligado aos bombeiros.” Ao que Godmess corrobora: “A grande maioria das pessoas estava à espera de mais carros de bombeiros, ambulâncias, mas a verdade é que a fénix simboliza o bombeiro, todos a trazem ao peito”, conta. “É do género: primeiro estranha-se, depois entranha-se.”

Godmess e Draw fizeram uma espécie de subassembleia com os bombeiros. “Debatemos ideias sobre o que gostaríamos de ver. Disseram muitas coisas, coisas com que se identificariam mais facilmente. Pegámos nessas ideias e integrámo-las no nosso trabalho, na nossa imagem”, explica Godmess.

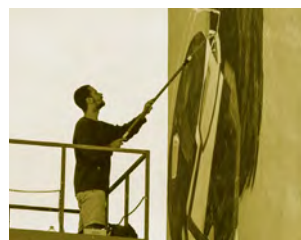
Draw pintou a fénix, em cima, Godmess pintou o bombeiro, em baixo. Usavam o andaime à vez. “Quisemos passar uma ideia de proteção, de preocupação”, continua. “Ainda por cima com aquilo que se tem passado em Portugal, isso representa uma importância acrescentada”, diz, referindo-se à situação de calamidade em termos de incêndios que o País tem vivido nos últimos anos.

“O Godmess trabalhou um bombeiro, que está a olhar para cima, o que indica prosperidade”, conta por sua vez Draw. “Olhávamos para a parede a partir de um banco do jardim que existe em frente ao quartel e era aí que desenhávamos as nossas ideias.”

Numa das faces da torre do quartel, Draw desenhou a cabeça de uma fénix por cima do bombeiro de vestes vermelhas e envolveu-a com diversos elementos: desde chamas vermelhas e amarelas a troncos de árvores. À esquerda, há um pequeno holofote pintado, que aponta para os olhos da fénix. Ao lado do desenho, há um pequeno espaço em terra batida. Estão lá uma palmeira e um castanheiro. Quem se aproxima da obra vindo deste lado observa ramos de ambas as árvores a complementarem o desenho, como se fossem troncos extras a compor o trabalho. A encimar esta parede da torre estão,

imponentes, duas letras grandes, vermelhas, feitas de metal: B V. Do lado oposto ao do espaço de terra batida, existem as garagens: várias bocas grandes no edifício com os carros de combate às chamas a espreitarem lá de dentro.

Ambos os artistas ressaltam a prestabilidade dos bombeiros durante todo o processo. Uma empresa local, a Ferreira & Bebian, arranhou-lhes uma plataforma elevatória e houve um bombeiro que esteve a manejar o carro com elevador durante três dias. Arranjaram-lhes também os andaimes. “Uma coisa muito importante era: para onde se virava aquela localidade? Fomos sempre debatendo muito as questões do tempo”, explica Godmess, referindo-se ao conceito que ele, Draw e Hazul tinham definido para Alfândega da Fé: o tempo – passado, presente e futuro. “Há que olhar para o potencial daquela localidade. As pessoas espelham-se sempre em grandes centros comerciais. Ali, a riqueza natural é tão grande e é posta de parte, quando é uma mais-valia. A obra reflete também isso, o potencial natural.”



Fénix, Draw e Godmess, Alfândega da Fé, 2016.

FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Rua dos Bombeiros

GPS:
Latitude 41.3435
Longitude -6.95952



Não é só dizer «vamos fazer». É necessário aplicar as metodologias certas, envolver as pessoas. Explicar-lhes, com uma linguagem que percebam, o que têm a ganhar com isto.

Ana Margarida Duque Dias, 45 anos, responsável pela Casa da Cultura Mestre José Rodrigues e chefe de gabinete da Câmara Municipal de Alfândega da Fé na área da cultura e do turismo.

25

Tétis

Autoria:

Draw, Hazul

Há uma certa altura do dia, já pela tardinha, em que o Sol só consegue iluminar parte da parede lateral da sede da Junta de Freguesia de Alfândega da Fé. As ondas formadas pela fronteira luz-sombra ajudam ao desenho de Draw e Hazul, principalmente os motivos curvilíneos – azuis – desenhados por Hazul.

“Tentámos perceber o que se passava ali. Aquele praça costumava estar muito associada ao tema da água. Acho que havia ali um rio ou uma ribeira e umas fontes”, conta Draw. “Como o meu trabalho é figurativo, investi e cheguei a Tétis, que é uma deusa da água. Fiz uma reinterpretação e pinte uma figura feminina ligada à água.”

Draw e Hazul pintaram a obra ao mesmo tempo. “Eu basicamente representei a água e os recipientes da água. O Draw fez a figura e eu o entorno, uma ondulação em tons de azul”, refere Hazul. “A água tem movimento, tem uma linha muito orgânica. O percurso da água é muito ondulado, quase sensual – curva, contracurva”, diz por seu turno

Draw. “Até costume trabalhar pessoas mais velhas, mas ali achei que um rosto mais jovial fazia mais sentido. Água também é vida.”

Hazul diz que não gosta muito de justificar o seu trabalho, que as pessoas das belas-artes é que estão habituadas a fazê-lo. “O nosso trabalho [dos *street artists*] é muito mais direto.” Hazul não pôde participar nas assembleias com a comunidade para definirem os temas a abordar no Arte Pública fundação edp – Voltagem em Alfândega da Fé, mas foi posto ao corrente pelos dois colegas acerca do que se pretendia explorar na terra.



“Fui para lá com a ideia de, através do convívio com as pessoas, perceber qual a identidade daquela terra”, expressa Hazul. “Na realidade, a curiosidade das pessoas não é muito diferente da das pessoas da cidade. Elas não estão é muito habituadas a que se vá para lá pintar de forma tão visível. A atitude foi de um misto de desconfiança, primeiro, e de alegria, depois, por a EDP ter escolhido Alfândega da Fé para fazer intervenções no âmbito do Arte Pública fundação edp.”

O espaço em frente à parede intervencionada do edifício da junta de freguesia é um pequeno anfiteatro ao ar livre, com quatro lances de blocos de pedra a servirem de bancada. Ao centro, o palco é ocupado por repuxos que brotam do chão, o mesmo chão que já viu passar por ali uma ribeira e se mantém fértil em água no subsolo. A mulher retratada, de expressão jovial mas austera, tem o cabelo apinhado em novelo, em sinal de lavoura. O olhar é melancólico e um pouco desesperançado, as sobrancelhas são grossas e bem delineadas.

A fachada tem quatro janelas, três em cima e uma em baixo à esquerda, corridas com persianas, e pequenas janelas-quadrados que servem para ajudar à composição da geometria da obra. Pintados por Hazul, há fluxos de água a esgueirarem-se por entre os potes e o pescoço da mulher, como se fossem tentáculos de um polvo à procura do seu espaço de sobrevivência.



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Estrada Nacional 315

GPS:
Latitude 41.34295
Longitude -6.96056



Desta gostei muito. Até o meu filho diz que «escolheram a mais gira para a parede da junta de freguesia». Das outras também gosto, mas esta é qualquer coisa. Representa as águas, o mar.

Sandra Rego, 41 anos, administrativa/assistente na Junta de Freguesia de Alfândega da Fé.

Tétis, Hazul e Frederico Draw, Alfândega da Fé, 2016.

26

Totem

Autoria:
Hazul

Esta obra, no posto de transformação (PT) da EDP Distribuição na Rua Branco Rodrigues, está muito perto das duas anteriores do roteiro, na vila de Alfândega da Fé. Seguindo a rua da sede da junta de freguesia que passa por este PT, mesmo acima encontram-se as traseiras do quartel de bombeiros. E lá que é feita a entrada para o bar da instituição. Servem petiscos e é costume as pessoas fazerem do local ponto de encontro para verem os jogos de futebol de cada jornada.

Hazul transformou o PT num totem, através da pintura. Vista ao longe, a intervenção artística parece bidimensional. E, em termos de relevo, é-o, de facto. Mas, ao aproximarmo-nos da parede, percebemos o efeito de rendilhado e de tridimensionalidade com que Hazul dotou os diferentes motivos que preenchem os diversos quadros e retângulos desenhados na parede do PT virada para a estrada. Dentro de um, o retângulo horizontal que ocupa toda a largura da parede, pintada a azul-bebé, estão pintados motivos *art nouveau*.

Dentro de outro, em cima, estão elipses várias a azul-petróleo, que formam olhos e nos perscrutam de forma enigmática. Mesmo em cima, num quadrado amarelo-banana, está desenhado a vermelho o que parece ser um pote, de traços indígenas, ritualísticos. Em baixo, numa caixa de luz colada à parede, Hazul pintou um cristal. Esta pedra é uma figura muito representada no seu trabalho, pelo seu carácter panteísta, sacramental.



“Funciona como um álbum de recordações, como se cada quadrado fosse uma foto”, explica Hazul. “Estas representações fazem alusão aos tempos antigos, mas também ainda presentes. Em cima, está uma jarra que, além de ser uma coisa normal que as pessoas usam aqui, até mais do que na cidade, é um objeto comum ao presente e ao passado.” As pedras,

um elemento da natureza por que Hazul se diz fascinado, também têm esse carácter de intemporalidade. “Se por um lado as pedras remetem para construções antigas, para totens, por outro, o muro de pedra, por exemplo, é ainda muito utilizado nesta zona nos dias que correm.”

O rendilhado *art nouveau* é uma representação de uma árvore, das que costumam existir nos quintais das pessoas. “A oliveira consegue durar milhares de anos, atravessa gerações e gerações.” Quanto ao cristal, Hazul diz fazer coleção deste tipo de pedras. Costuma ir apanhá-las com um amigo num local no Gerês cujo nome não quer revelar. “É incrível, estás no meio do nada e de repente encontras estas pedras límpidas, lindas”, descreve. “Além da sua utilização para tecnologia. Tudo o que é tecnologia tem quartzo, como, por exemplo, os relógios. É o cristal que regula o batimento.”

O cristal é também um símbolo de pureza, como já referiu. “De pureza e de harmonia. A história do próprio cristal é feita de nascer no meio da lama, a partir da pedra bruta, e vir a tornar-se numa coisa muito cristalina e transparente. Foi isso que me levou a representá-lo. É um símbolo do meu trabalho, como que uma assinatura.”

FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Rua Branco Rodrigues

GPS:
Latitude 41.34285
Longitude -6.95983



Totem, Hazul, Alfândega da Fé, 2016.

Fiz a receção aos artistas, andei com eles pelo concelho. Fomos às aldeias fazer assembleias e dar conhecimento do que íamos fazer. Criar o elo entre os artistas e as pessoas. Quando falávamos em graffiti, achavam que as paredes iam ser vandalizadas. Mas depois ficaram muito agradadas com o resultado.

Sónia Vieira, 36 anos, técnica de turismo.

27

Semio

Autoria:

Hazul (c/ Universidade Sénior)

Há algo de semiótica neste trabalho de Hazul. Em *Semio*, o *street artist* explora as camadas de comunicação de um objeto, no caso sinais de trânsito, e aplica-lhes outras roupagens, outras capas de leitura. Feita em parceria com alunos da Universidade Sénior de Alfândega da Fé, Hazul aproveitou sinais de trânsito da câmara que estavam sem uso.

“Foi muito giro. Uma das hipóteses que nos deram foi o recheio existente no armazém da câmara, tinha lá um monte de sinais de trânsito”, conta Hazul. “Como era esse o material disponível, decidi pegar num objeto que toda a gente conhece, um objeto do quotidiano, e atribuir-lhe uma simbologia diferente, para permitir outras interpretações.”

Artista e cidadãos seniores da vila tiveram um dia para trabalhar. Os seniores pintaram a base, Hazul pintou as figuras por cima. “Eu depois fiz um sinal só para eles. Durante a tarde, fizemos uma demonstração do que eu iria fazer com o resto dos sinais. O sinal deles tem representados a Torre do Relógio,

a Universidade Sénior, cerejas, e uma estrela, não sei porquê. Eu dei-lhes liberdade para fazerem o que quisessem.” As cerejas são uma colheita típica da zona, a Torre do Relógio é o monumento histórico mais representativo da vila.

Nos sinais restantes, Hazul colocou a sua própria simbologia, transversal ao seu trabalho. “Basicamente, o que está nos outros sinais é um conjunto de pedras, um vaso, água, uma figura que costume fazer com frequência”, conta. “Há pessoas que dizem que parece uma santinha. É, na verdade, uma figura humana. Eu, quando represento uma figura humana, costume representá-la no feminino. É a origem. Mas, neste trabalho, representei também uma figura masculina.”

Hazul pediu para os sinais serem colocados de forma separada, ao longo do jardim, do Parque Verde. “A minha ideia era que ficassem junto das pessoas.” Mas, por questões de segurança, não foi possível. Junto a vias rodoviárias poderiam ser confundidos com sinais verdadeiros. Foram colocados juntos, na zona limítrofe do parque oposta à estrada, junto ao monte. Os três sinais, as três figuras humanas – a conjugação das diferentes geometrias dos sinais conferiu-lhes um lado humano –, estão na posição de *voyeurs*, de espetadores, a olhar para



o que se passa no parque. São uma espécie de guardiões, de protetores. Estão sempre ali.

A ligação à natureza é um património que Hazul diz ser muito vibrante naquela zona e em Trás-os-Montes em geral. E é uma mais-valia que necessita de ser mais valorizada, visto tratar-se de uma questão de tempo até haver uma consciência plena daquela qualidade de vida por parte das pessoas.



No parque, há uma pequena ponte feita em pedra. Sugere que houve ali em tempos uma ribeira. Mais abaixo, há um canal de água, uma espécie de riacho pelo meio da vegetação mais alta porque se encontra alagada. Em termos topográficos, o parque apresenta várias elevações, ténues, que se tornam pequenos anfiteatros.



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Parque Verde

GPS:
Latitude 41.34171
Longitude -6.96009



Acompanhei a fase inicial, de seleção dos sítios e materiais que iriam utilizar. Fiz questão. E gostei bastante. Deu mais um roteiro a esta zona, mais um motivo de interesse para as pessoas passarem por cá.

Luís Rocha, 39 anos, informático/designer.

28

Lines, lines, lines

Autoria:
Draw (c/ Universidade Sénior)

Numa colaboração com a Universidade Sénior, Draw pintou o muro do parque de estacionamento da câmara, que dá para a Rua da Escola Preparatória (antiga Rua Júlio Manuel Pereira). “Dividimos o trabalho entre nós. Eu não estava numa de desenhar umas formas e pôr os seniores a pintá-las por dentro. Pô-los a pintar com latas de *spray* também não seria fácil. Mas queria que tivessem uma voz ativa”, explica Draw. “Assim, propus que escrevessem frases que lhes saíssem do coração. Havia um senhor incrível que dizia «velhos são os trapos».” Além desta frase, estão escritas outras como “não sejas ignorante”, “nunca se é velho para aprender”, “parar é morrer”. “Havia dezenas de frases destas e eu pus uma imagem minha por cima. Esta sala de fruta ficou como *background* do meu trabalho.”

Draw diz que, no início, as pessoas ficaram escandalizadas. A parede era antes toda branca e passou a estar toda rabiscada. Mas, depois da obra concluída, passaram a



apreciar o muro. E a sentirem-se parte do processo. Por cima do emaranhado de palavras e frases de ordem, Draw desenhou o rosto de um idoso, de boina na cabeça, as feições endurecidas por muitos anos de trabalho no campo – na apanha da castanha, da cereja, da cortiça. São das principais fontes de rendimento da zona.

“O meu trabalho resume-se muito à figura humana, transposta para a grande escala. O registo que me é conhecido é o do esboço, um *sketch* à grande escala. Não faço propriamente hiper-realismo, faço sobreposição de linhas de pinceladas, de tintas”, contextualiza Draw. “Trata-se de um emaranhado de linhas que parece um desenho feito a caneta, mas na parede.”

Draw costuma usar uma escala de cinzas para pintar as suas figuras humanas, conferindo-lhes uma certa austeridade ao rosto. Em termos técnicos, usa muito o recurso clássico da grelha para transpor o desenho do papel para a parede. A figura idosa masculina retratada nesta obra é polvilhada por linhas em amarelo-dourado, que criam um efeito de raios de luz. Como se a dureza

dos traços do homem fosse aligeirada, iluminada.

Ao fundo da rua, existe o restaurante Bairral, propriedade da dona Ester e do marido. Emigrados em França, regressaram a Alfândega da Fé há 17 anos e montaram um negócio de restauração de comida portuguesa, mas também italiana, *pizzas*. O Bairral era poiso habitual dos artistas para as refeições. O que mais escolhiam para comer eram francesinhas e *pizzas*. E a *mousse* de Oreó, uma especialidade da casa. “O Bairral era muitas vezes o escritório deles. Eles vinham para aqui, carregavam baterias [dos aparelhos eletrónicos] e também as baterias deles próprios”, conta Sandra Gonçalves, filha da dona Ester que também trabalha no restaurante. “Faziam os desenhos nos guardanapos. Temos fotos deles a desenharem. Até se fez uma exposição com isso.” E acrescenta, relativamente ao impacto que o Arte Pública fundação edp – Voltagem em Alfândega da Fé teve em si própria: “Quando vou a algum lado e vejo as obras deles, já consigo identificá-las. Cada um tem o seu estilo, muito próprio.”



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Rua da Escola Preparatória (antiga Rua Júlio Manuel Pereira)

GPS:
Latitude 41.34227
Longitude -6.96296



Isto só tem um sentido turístico se contar as histórias da cultura local. Os mais velhos contam umas histórias, os mais novos, outras. Há uma sobreposição de culturas. E é um contraste interessante.

Berta Nunes, 62 anos, presidente da Câmara Municipal de Alfândega da Fé.

PP 84 e 85: Lines, lines, lines, Draw, Alfândega da Fé, 2016.

29

Tempo

Autoria:
Godmess, Hazul



“Eu fiquei mais associado ao passado, o Draw ficou com o presente e o Godmess com o futuro. Trabalhámos sempre à volta do tempo, que era simbolizado pela Torre do Relógio”, conta Hazul. “Tendo em conta o conceito do Arte Pública fundação edp, não levámos ideias fechadas. Apesar de termos cada um uma linguagem muito própria, não quisemos ter à partida imagens muito definidas”, refere por sua vez Godmess. “O que fizemos foi chegar a um conceito abstrato – a passagem do tempo ou o tempo de passagem – e trabalhar a partir daí.” Tratou-se de um conceito de base para que pudessem ouvir as pessoas da terra e trabalhar com elas.

“Essa Torre do Relógio foi o único elemento que sentimos que era o marco identitário de Alfândega da Fé. Não havia nada de tão diferente e tão presente, ao mesmo tempo, na localidade”, continua

Godmess. “A torre está reabilitada e neste momento é um espaço museológico, no qual a exposição fotográfica permanente retrata a reabilitação deste monumento local.” E acrescenta: “A própria história da torre é um bocado indefinida. Dizem que foi um castelo, mas não há vestígios disso. Por isso, é um bocado mística, parece que não pertence ali. Por outro lado, não há mais nenhum monumento que reflita História. É um meio de certo modo descontextualizado.”

Mesmo ao lado da torre, branca, na Travessa do Terreiro, costumava haver uma pequena casa com quintal. Vivia lá um carteiro, chamado Mário Damasceno, e tinha muitos filhos. Muitos perguntavam-se como é que conseguia viver ali tanta gente. Hoje sobra uma empena de prédios contíguos, a casa foi demolida. Foi nessa empena que Godmess e Hazul fizeram uma intervenção artística conjunta.

“Não fomos por aí, pela casa que existia antes. Sentimos que aquela parede tinha uma ligação mais importante à torre, por estar ao lado dela”, esclarece Godmess. “A pintura que fizemos tem que ver com o tempo, com o passar do tempo. Há referência a imagens: a mala refere-se às pessoas que emigraram, que foram para França. Depois há também a lenda dos Cavaleiros das Esporas Douradas, alusiva a uma batalha com muçulmanos da qual os cavaleiros saem

derrotados e lhes aparece uma virgem a dar-lhes um bálsamo.”

Já Hazul usou o mesmo conceito que na obra *Totem*, um conjunto de imagens que funcionam como um álbum fotográfico. “Fiz imagens fragmentadas, separadas umas das outras, como se fossem *flashes* de memória. A parede também puxava a isso. Achei que devia continuar na mesma lógica.” A obra foi feita a dois momentos. Primeiro pintou Hazul, depois Godmess. “Os elementos são basicamente os mesmos de *Totem*: a figura feminina – aqui tenho duas –, a jarra. A justificação é sempre a mesma, são elementos que atravessam o tempo”, continua. “Depois fiz um embrião, que tem que ver com o nascimento – com a ideia de passado, mas também de futuro.”

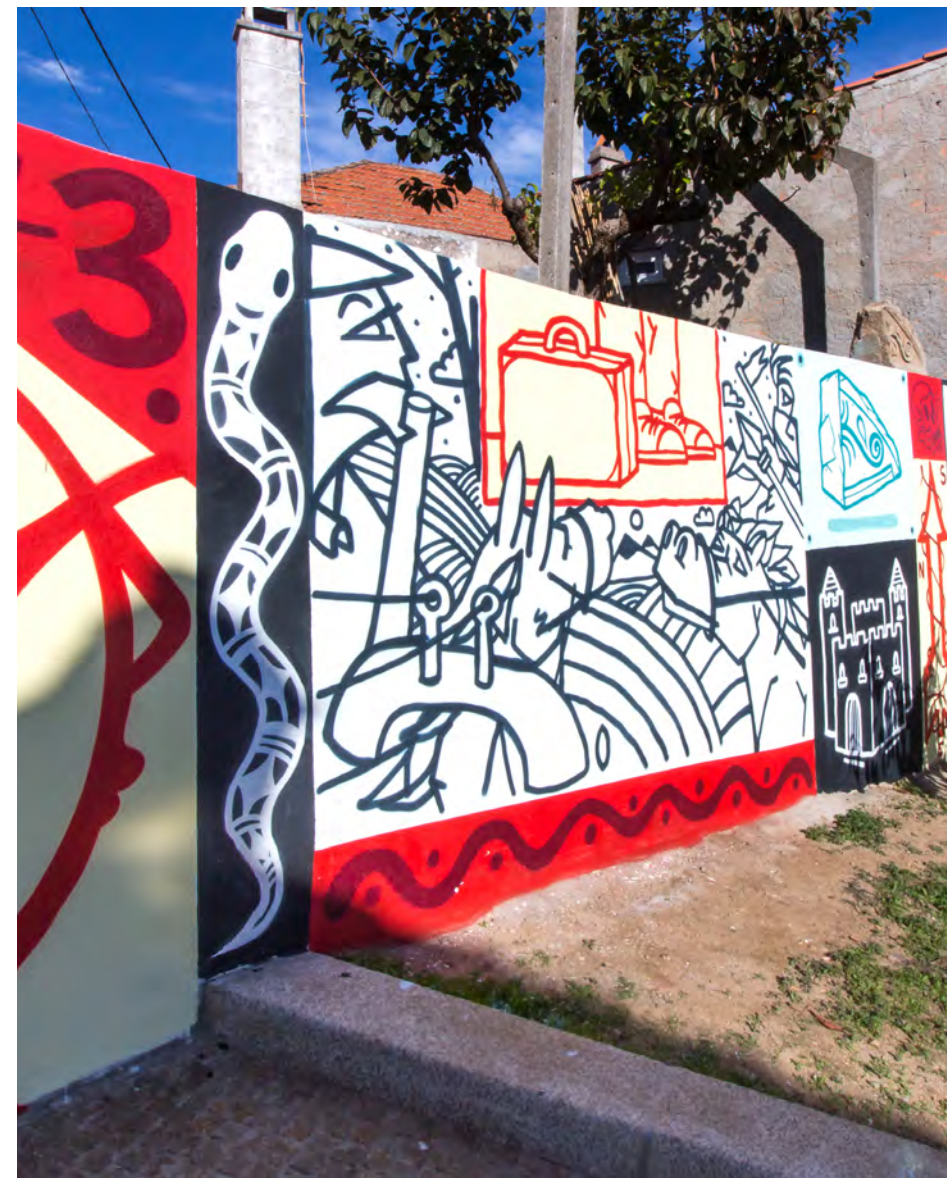
Quando Godmess e Hazul começaram a fazer o mural, no cimo da empena estava colocada uma pedra ornamentada – com volutas – que serviu de inspiração à obra e foi inclusive desenhada. Dizem que são do tal castelo que supostamente existiu em Alfândega da Fé, cujas pedras foram aproveitadas pela população para construir casas e muros.



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Travessa do Terreiro

GPS:
Latitude 41.34157
Longitude -6.96576



Tempo, Godmess e Hazul, Alfândega da Fé, 2016.

Gosto muito do [trabalho] da Torre do Relógio. Gosto de todos, o daqui da escola [preparatória] também está muito bonito. Deviam era pintar Alfândega da Fé toda.
Sabrina Gonçalves, 29 anos, restaurante Bairral.

30

Sarau

Autoria:
Hazul

“Esta obra é mais difícil de explicar porque foi um trabalho feito pós-projeto, foi uma parede extra. Voltei a Alfândega da Fé um mês depois para fazer esta intervenção na Escola EB1.” Hazul não sabe porque escolheu o nome *Sarau*. “Fui ver à Internet, não sei porquê. Os nomes costumam ter sempre justificações, o que as obras nos fazem lembrar, etc. É o oposto do racional. Mas, apesar de os nomes parecerem aleatórios, todos têm de fazer sentido para mim, nem que seja de forma mais intuitiva. Gosto de palavras bonitas.”



Enquanto pintava a empena do pavilhão gimnodesportivo da Escola EB1 de Alfândega da Fé, os miúdos passaram a tarde a interagir com o artista, empoleirado no andaime. “Este mural tem, mais uma vez, elementos transversais ao meu trabalho. Tem a

figura feminina, tem um passaroco, tem um cristal. Depois fiz um ser mitológico, não sei muito bem o que é”, descreve Hazul. “Numa escola, as crianças são um bocadinho mais sonhadoras. Passaram a tarde toda a perguntar-me «o que é isto?», «o que estás a fazer?». Começaram a inventar uma série de possibilidades para estas figuras. Como não são figuras muito exatas, discutiam no recreio o que é que poderia ser e cada um via coisas diferentes.”



O edifício é composto por dois volumes, um mais horizontal e outro mais elevado. Foi na empena do volume mais alto que Hazul fez a sua intervenção. Quem vem da zona mais elevada da vila vê a pintura ao longe. Em frente, há um campo de jogos de piso sintético, com balizas e cestos de basquetebol. À volta, a delimitar o perímetro da escola, existe terreno em terra batida, árido, pautado por alguns pinheiros.

O mural está, à semelhança das intervenções de Hazul, dividido por várias esquadrias, quadrados e retângulos, sobre os quais o *street artist* do Porto desenha figuras. O pássaro, ao centro, ocupa uma posição de destaque. “Uma pessoa

vai a Trás-os-Montes e ouve logo os passarinhos. Gosto muito de ouvir passarinhos. Aqui no Porto não os ouvimos, com muita pena minha”, refere.

A figura feminina que diz existir na obra está desta vez representada de forma subtil. É o volume à esquerda, inclinado, ao qual não se vê a cabeça. É apenas denunciada pelo manto, em tons de azul, uma cor grata no trabalho de Hazul. Em cima, pequeno, está representado um bebé; vemos-lhe a cabeça, o corpo enrolado numa cobertura. Esta figura alusiva ao nascimento está de novo representada, em tamanho muito pequeno, em cima da cabeça do pássaro. O cristal está uma vez mais pintado, aqui sobre um fundo azul entre o petróleo e o água. A grande circunferência desenhada por baixo parece uma grande bolha de água, prestes a rebentar. A zona inferior da parede tem uma faixa em tijolo, laranja, que ajuda na composição de toda a imagem. A propósito deste *Sarau*, e de todo o seu trabalho, Hazul remata: “Eu gosto de sociabilizar, mas não é para estar a discutir o que pinte ou não pinte. Essa liberdade deixo-a aos outros.”



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Gimnodesportivo da
Escola EB1

GPS:
Latitude 41.34534
Longitude -6.9638



Sarau, Hazul, Alfândega da Fé, 2016.

Eu achei que embelezou bastante os espaços que estavam degradados. Foi uma mais-valia. Muita gente para e pergunta o que é.

Ermelinda Salgueiro, 61 anos, provedora da Santa Casa da Misericórdia de Alfândega da Fé.

31

Oliva

Autoria:
Hazul

Este foi também um trabalho extra, mesmo ao lado do da parede no ginno-desportivo da Escola EB1. “O nome *Oliva* tem que ver com o campo de oliveiras que há por todo o lado, nesta zona. O verde que utilizei é próximo do verde-azeitona”, conta Hazul. “Não é bem um verde-azeitona, mas está perto.”

Esta intervenção de Hazul está feita num posto de transformação (PT) da EDP Distribuição que se encontra na rotunda ao final da Avenida da República de Alfândega da Fé. A parte do meio da pintura representa, mais uma vez, a água. “É água por nenhum motivo especial. Achei que a azeitona precisava de água”, diz. “O desenho por cima não é uma azeitona, mas é quase. Representa um fruto.” À direita, em cima, está representada mais uma vez a figura feminina. “Depois há elementos mais abstratos”, como a ondulação existente por baixo da representação da mulher.

Visto ao longe, o PT parece uma caixa de fósforos na horizontal, customizada com muitas cores. E é como se fosse um

anexo do prédio, pintado em tons de salmão e branco, que se encontra mesmo ao lado. Na parte esquerda do mural, está pintada uma figura que parece um peixe, apesar de Hazul não fazer qualquer referência a isso. Podia ser uma sardinha. A forma oval, os preenchimentos ondulados a sugerirem escamas e guelras, o olho esmorecido. Faz todo o sentido que seja um peixe, ligado a esta ideia de fruto, de nascimento, referida por Hazul, mesmo ao lado da imensidão de água que o artista urbano desenhou ao centro.



À pergunta acerca da importância do azul no seu trabalho, Hazul responde dizendo tratar-se de uma importância relativa. “Depende. Tenho trabalhado muito o azul nos últimos dois anos. Há pessoas que têm uma linha cromática muito definida. Eu gosto por vezes da ideia da continuação de cores, apesar de a minha tendência ser tentar sempre outras composições. Acho que não tenho muito uma identidade cromática.”

Hazul introduz nesta obra elementos do *design* gráfico, estilizações como

circunferências a vermelho e branco – como se fossem uma sinalética para a observação desta composição visual. Marcam um início e um fim, uma no canto superior esquerdo e a outra no canto inferior direito da pintura. Há, ainda, outro tipo de motivos que indiciam a ideia de origem. É o caso de uma linha vertical atravessada por pequenas linhas, uma bola e dois traços em forma de “s”. Assemelha-se a uma pintura primitiva, rupestre – uma ligação constante entre passado e presente, e aqui e agora, que interessa a Hazul explorar no seu trabalho.

O artista demorou uma hora a pintar este PT. “Como estou habituado a pintar na rua, estou acostumado a pintar rápido. Pinto com *spray*”, conta Hazul. “Se não estiver a pintar rápido, não consigo entrar na frequência certa das ideias. E, se estiver muito tempo a pintar, começo a pensar muito nas coisas e a fazer asneira. É a forma de puxares a criatividade até ti. É quase um foco. Se estiveres focado, anulas os ruídos exteriores. É, no fundo, uma performance.”



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Rotunda no final da
Avenida da República

GPS:
Latitude 41.34615
Longitude -6.96403



Oliva, Hazul, Alfândega da Fé, 2016.

Nunca se viu este tipo de coisa por cá. É bom. O forte da vila é a cereja e a azeitona.
Filipe Fernandes, 23 anos, agricultor.

32

O teu futuro será como tu fizeres!

Autoria:

Godmess
c/ alunos EB2/3 de
Alfândega da Fé

À semelhança de *Futuramos*, na EB1, esta intervenção de arte pública foi também feita numa escola, mas na EB2/3, que aglomera os segundo e terceiro ciclos escolares em Alfândega da Fé. “Este processo foi composto por três sessões – duas sessões de debate, com alunos de várias turmas, e uma para guiar os alunos a transpor as ideias para a parede”, refere Godmess.

Para as duas primeiras sessões, a diretora da escola falou com uma das professoras de Educação Visual, para que criasse um grupo de alunos que juntasse os mais interessados pela área e os mais desintegrados, de forma a incentivar estes últimos a interessarem-se mais pela realidade escolar. Estas sessões, de debate de ideias, decorreram na sala de aula. “Propus-lhes textos, imagens, frases, palavras. Recolhi material dessas duas sessões e

fiz um plano, juntamente com os alunos. O plano da composição que iríamos transpor para a parede.”

Na terceira sessão em contacto com este grupo de alunos, Godmess deu um *workshop* em que lhes ensinou a lidar com tinta e *sprays* e lhes deu dicas sobre como passar as ideias do papel para o grande formato. “Era importante dar-lhes essa autonomia e predisposição para criarem algo singular, que lhes desse um sentimento de pertença. Algo com que se identificassem.”

Esta é a única obra do Arte Pública fundação edp – Voltagem em Alfândega da Fé que não conseguimos ver a partir do espaço público. Temos de entrar nas instalações da escola. *O teu futuro será como tu fizeres!* reza assim, da esquerda para a direita: começamos por ver desenhados uns prédios, de muitos andares, prédios esses que, sob diversas arquiteturas, se encontram replicados várias vezes ao longo da parede. Sobre um manto amarelo, que pode ser um deserto, mas também uma figura humana devido à sua forma e aos adereços que a decoram, está um óvni – óvni este que pode funcionar como chapéu dessa figura (que tem duas estrelas no lugar dos olhos, uma Lua cheia enorme no lugar de nariz – ou será uma cratera? – e uma linha grossa, transversal, que pode servir de boca). Colada a esta figura está

um mundo, o planeta Terra – os continentes são verdes e o oceano, azul. Seguem-se mais prédios, com uma Lua em quarto minguante por cima e chegamos ao meio do desenho, que tem uma figura central. É um rosto, metade humano (uma mulher, de lábios vermelhos e sardas) e metade máquina, robô. Do cérebro, saem peças metálicas, em forma de *puzzle*. À direita da figura, há mais prédios e também um avião. Está apontado para uma circunferência com várias camadas de azul, como se fosse entrar numa outra dimensão no tempo. Por cima, curiosamente, estão desenhados um relógio e um calendário.

“Eles sentem-se muito longe dos centros urbanos. Percebe-se logo: tem um avião, para eles poderem ir viajar. Coisas que para mim são tão simples, para eles fazia-lhes confusão não terem. Parecem tão básicas para nós, não é?”, considera Godmess. “Existem coisas naquela terra que podiam ser potencializadas. Há uma riqueza natural e gastronómica incrível. Almoçamos e jantamos sempre em restaurantes locais. O sabor é diferente, o ar é diferente.”



FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Escola EB2/3, Rua Dr.
Manuel Vicente Faria

GPS:
Latitude 41.34357
Longitude -6.96268



Os graffiti estão fixes. É uma iniciativa engraçada. Mal é que não ficam.
Rui Vales, 21 anos, trabalhador na construção civil.

O teu futuro será como tu fizeres!, Godmess com alunos da escola EB2/3 de Alfândega da Fé, Alfândega da Fé, 2016.

33

Futuramos

Autoria:
Godmess

Como Godmess ficou com o futuro, trabalhou com crianças e jovens. No contexto do conceito de tempo debatido durante as assembleias junto da comunidade de Alfândega da Fé, a propósito do Arte Pública fundação edp – Voltagem, Godmess centrou-se no futuro, enquanto Hazul se debruçou sobre o passado e Draw, o presente, apesar de no trabalho dos três artistas de arte urbana sediados na cidade do Porto serem visíveis as linhas que tratam de construir pontes entre os três tempos.

Godmess trabalhou em dois murais, no contexto das escolas: este na Escola EB1 e o outro na Escola EB2/3, ambas parte do Agrupamento de Escolas de Alfândega da Fé. A Escola EB1 é frequentada por alunos do pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico. O processo foi semelhante, em ambas as obras. “Para este, recolhi informação numa sessão única, com turmas da 4ª classe”, refere Godmess. “Perguntei-lhes como é que viam Alfândega da Fé, o que é que esperavam

que ela fosse, se a viam a ser ou a fazer outra coisa. A ideia foi recolher testemunhos.” Depois de conversar com as crianças, Godmess foi para casa desenhar, a partir dos contributos dados. “Interessou-me misturar as ideias sugeridas por eles com coisas mais abstratas, com perspectivas de futuro. Este trabalho funciona como um jogo: parece abstrato, mas é muito figurativo.” E continua: “Tanto aparece um símbolo do Batman, porque um dos alunos queria ver um Batman na vila, como aparece um mocho no chapéu de um agricultor. Aparece também um avião, uma vez que alguém gostava que Alfândega da Fé tivesse um aeroporto. Há ainda um cajado, referente ao facto de um aluno ter dito que iria ser pastor, quando crescesse.” Trata-se de uma mistura de abstrato com perspectivas de futuro e realidades locais.



Da rua, consegue ver-se a obra, uma vez que ela se encontra junto ao gradeamento da escola. O mural é pautado por quatro figuras, centrais, três cabeças de homens e uma de mulher. As quatro estão de perfil, como os

cartazes políticos propagandísticos de esquerda, com o povo disposto em fileira em sinal de força e de poder, enquanto massa, enquanto conjunto. Como se os ideais por que se guiassem fossem uma estrela no firmamento. A mulher tem um lenço cor-de-rosa na cabeça e encontra-se de olhos fechados. Um dos senhores do meio tem uma cartola. O da direita tem um avião e um barquinho de papel a lançar redes na sua cabeça. A base do mural está preenchida com elementos da natureza em vários tons de verde: folhas, trevos, ramos de árvores. Ao pé do senhor da cartola, está desenhada uma bengala. Esta tem por cima duas cerejas, um dos produtos que fazem a agricultura da zona. O lenço rosa da senhora deixa-se prolongar pela parte de baixo do desenho e chega a abraçar a base da cabeça do senhor da cartola,



afiorando uma ideia de berço, que, tal como no trabalho de Hazul, nos remete para a origem. A Torre do Relógio, branca, aqui com telhado – vermelho –, também não foi esquecida.

FREGUESIA Concelho:
ALFÂNDEGA DA FÉ

Localização:
Escola EB1, Rua da
Escola Preparatória

GPS:
Latitude 41.34527
Longitude -6.96351



Futuramos, Godmess, Alfândega da Fé, 2016.

As pessoas participaram muito. Vi-os [artistas] a pintar a escola, da minha loja dava para ver.

Ester Araújo, 55 anos, proprietária do restaurante Bairral e de uma retrosaria.

Arte Pública fundação edp

**Roteiro TRÁS-OS-MONTES
Projeto VOLTAGEM**

Curadoria Arte Pública fundação edp:
João Pinharanda

Coordenação Arte Pública fundação edp:
Sandra Santos

Comunicação Arte Pública fundação edp:
Elisabete Sá

Textos:
Cláudia Marques Santos

Fotografia:
**Rute Ferraz
Ricardo Castelo
Município de Mogadouro**

Conceção gráfica:
Cláudia Baeta e Paula Dona

Revisão de texto:
Joana Ambulate

Edição:
**fundação edp
Lisboa, setembro de 2018**

Impressão e acabamento:
**Indústria Portuguesa
de Tipografia, Lisboa**

Nº Depósito legal: 445554/18
ISBN: 978-972-8909-66-6

Parceria:



rede
inducar

Com o apoio:



Agradecimentos:

Torre de Moncorvo:
aos alunos e professores do Agrupamento de
Escolas Dr. Ramiro Salgado (Moncorvo), a toda
a equipa do Município de Moncorvo e Freguesias
abrangidas e do Museu do Ferro.

Mogadouro:
aos alunos e professores do Agrupamento de
Escolas, a toda a equipa do Município e Fregue-
sias abrangidas, da Biblioteca Municipal, da Sa-
la Museu de Arqueologia e da Casa da Cultura.

Miranda do Douro:
aos alunos e professores do Agrupamento de
Escolas, a toda a equipa do Município e Fregue-
sias abrangidas, do Museu da Terra de Miranda,
da Casa da Música Mirandesa, do Posto de Tu-
rismo, do Café Cristal, do cais de embarque flu-
vial (Europarques) e da loja de pronto a vestir
Ana Teixeira.

Alfândega da Fé:
aos alunos e professores do Agrupamento de
Escolas, aos Bombeiros Voluntários, a toda a equi-
pa da Casa da Cultura, do Município e Fregue-
sias abrangidas e à Universidade Sénior.

Um especial agradecimento a toda a comu-
nidade que participou nas assembleias comuni-
tárias e apoiou os artistas durante a execução
das obras.



“Com este programa, a fundação edp contribui para levar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na nossa sociedade. Tem, ainda, outro mérito: o de conciliar no mesmo programa as duas principais áreas de intervenção da fundação, onde tem um percurso reconhecido e consistente: a inovação social e a cultura. Este é um projeto que mobiliza artistas e comunidades rurais num diálogo inovador que resultará num roteiro inesperado de arte pública e num motivo de orgulho para todas as partes envolvidas.”

Miguel Coutinho

Diretor-geral e administrador executivo da fundação edp

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias
e Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Alto Alentejo

Campo Maior
Degolados
Ouguela

Trás-os- -Montes

Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel